



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Arte**  
**Departamento de Artes Visuais**

**ANÁLISE DE FENÔMENOS NAS REDES SOCIAIS, SOB A ÓTICA TEÓRICA DE  
BYUNG-CHUL HAN: possíveis consequências comportamentais e imagéticas**

**Giovanna Olivieri Souto Gonçalves**

**BRASÍLIA**

**2023**

**Giovanna Olivieri Souto Gonçalves**

**ANÁLISE DE FENÔMENOS NAS REDES SOCIAIS, SOB A ÓTICA TEÓRICA DE  
BYUNG-CHUL HAN: possíveis consequências comportamentais e imagéticas**

Trabalho de conclusão de curso para  
aprovação no curso de Teoria, Crítica e  
História da Arte da Universidade de  
Brasília.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Paula  
Caixeta.

**BRASÍLIA**

**2023**

## RESUMO

As redes sociais se fazem presentes no cotidiano de muitos indivíduos, sendo grandes veículos de compartilhamento de imagens e conteúdos. Elas podem trazer não apenas agilidade e facilidade na distribuição de informações, ou lançarem novas tendências musicais e de moda, mas por serem justamente redes influenciadoras, podem interferir no comportamento dos indivíduos no mundo digital, bem como na contemplação estética, sejam de imagens, obras, vídeos ou qualquer conteúdo criado pelos usuários das redes. Por meio de conceitos teóricos criados pelo filósofo sul coreano Byung-Chul Han, acerca de uma sociedade midiática, é possível tomar suas ideias como ferramentas de análise a fenômenos digitais, para perceber as possíveis consequências presentes numa sociedade majoritariamente inserida e tendenciada pelo mundo digital. Com as definições de Chul Han, podemos localizar, reconhecer e justificar os prejuízos que surgem no âmbito profissional, nas relações interpessoais e à criticidade no consumo de imagens, considerando ainda as mudanças trazidas pelo período de pandemia enfrentado recentemente pelo mundo, o qual acentuou o uso e a aderência das pessoas ao ambiente virtual.

**Palavras-chave:** Byung-Chul Han; redes sociais; imagem; pandemia; digital.

## ABSTRACT

Social networks are present in the daily life of many individuals, being great vehicles for sharing images and content. They can bring not only agility and ease in the distribution of information, or launch new musical and fashion trends, but because they are precisely influenced networks, they can interfere in the behavior of individuals in the digital world, as well as in the aesthetic contemplation, whether of images, works, videos or any content created by users of the networks. Through theoretical concepts created by the South Korean philosopher Byung-Chul Han, about a media society, it is possible to take his ideas as tools for analyzing digital phenomena, to perceive the possible consequences present in a society that is mostly incorporated and tended by the digital world. With Chul Han's configurations, we can recognize and justify the losses that arise in the professional sphere, in interpersonal relationships and the criticality in the consumption of images, also considering the changes brought about by the pandemic period recently faced by the world, which accentuated the use and people's adherence to the virtual environment.

**Keywords:** Byung-Chul Han; social media; image; pandemic; digital.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO 1 - UMA ACENTUAÇÃO DO <i>EU</i> E DA IMAGEM NA SOCIEDADE MIDIÁTICA .....</b>	<b>8</b>
1.1 A NEGAÇÃO À ALTERIDADE E A RELEVÂNCIA DA IMAGEM .....	8
1.2 MUDANÇAS TRAZIDAS PELA PANDEMIA .....	11
1.3 O QUE É A “TIKTOKZAÇÃO” DAS PROFISSÕES? .....	13
1.4 POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS DESTE FENÔMENO.....	15
<b>CAPÍTULO 2 – DA TRANSPARÊNCIA AO CANSAÇO .....</b>	<b>26</b>
2.1 A EXPOSIÇÃO POR TRANSPARÊNCIA E SUPERFICIALIDADE DE CONTEÚDO 26	
2.2 MANIPULAÇÃO E CONTROLE NAS REDES SOCIAIS.....	32
2.3 AS CONSEQUÊNCIAS PRESENTES NA SOCIEDADE DO CANSAÇO .....	36
<b>CAPÍTULO 3 - CONSEQUÊNCIAS DO COMPORTAMENTO NAS REDES SOCIAIS À IMAGEM E PERCEPÇÃO.....</b>	<b>38</b>
3.1 O USO DO CORPO: DA PERFORMANCE AO POLIMENTO.....	38
3.2 PERDA DA AURA NAS IMAGENS.....	45
3.3 PREJUÍZO PARA A CONTEMPLAÇÃO DAS IMAGENS .....	47
3.4 PREJUÍZO NO RECONHECIMENTO DO BELO NAS IMAGENS .....	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos as redes sociais – tal qual Instagram<sup>1</sup>, Facebook<sup>2</sup>, Twitter<sup>3</sup> e Tiktok<sup>4</sup>, entre outras - ganharam mais destaque no cotidiano das pessoas, sendo tal destaque acentuado pelo período delicado de pandemia ocasionado pela Covid-19<sup>5</sup>, houve uma intensificação da atividade nas redes sociais, uma maior presença e participação de indivíduos. Com essa intensa atividade virtual, destacam-se algumas consequências comportamentais que foram pontuadas por Byung-Chul Han, não diretamente correlacionadas ao período pandêmico, mas com relação ao comportamento dos habitantes do mundo digital, como este mundo influenciou as pessoas e trouxe novos conceitos para avaliar a sociedade. Apoiado nas ideias do filósofo sul coreano, este trabalho traz um reconhecimento das possíveis consequências às pessoas, às imagens, e à contemplação e criticidade envolvidas no processo de consumo e produção imagéticos, partindo de uma análise de fenômenos digitais atuais que evidenciem os apontamentos de Chul Han.

Byung Chul Han é um filósofo sul-coreano radicado na Alemanha que se dedicou a analisar as estruturas da sociedade do século XXI e que traz em seus trabalhos estudos de distúrbios recorrentes na sociedade capitalista, sobretudo num recorte digital, para entendermos como o modelo de produção mais recente desta contemporaneidade tem interferido diretamente na vida psicológica das pessoas. Dentre seus trabalhos escolhidos, utiliza-se por principais fontes para

---

<sup>1</sup> O Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de outras redes sociais.

<sup>2</sup> O Facebook é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias.

<sup>3</sup> O Twitter é uma rede social e um serviço de microblog, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento.

<sup>4</sup> O TikTok surgiu em 2014, ainda com o nome Musical.ly. Tratava-se antes de um aplicativo para as pessoas postarem vídeos dublando músicas. Em 2017, a empresa foi comprada pela conterrânea ByteDance que disponibilizou o aplicativo para as plataformas tanto do sistema Android quanto o iOS. Não se tem a data ou fonte exata quanto à origem do termo Tiktokzação, mas começou a ser utilizado em meados de 2021.

<sup>5</sup> A doença por Coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. O vírus pode propagar-se a partir da boca ou do nariz de uma pessoa infetada através de pequenas partículas líquidas que a pessoa emite quando tosse, espirra, fala, canta ou respira. Estas partículas vão desde gotículas respiratórias de maiores dimensões a aerossóis mais pequenos. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo Coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa decisão buscou aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade.

esta pesquisa: sua obra *Sociedade da Transparência*<sup>6</sup>, *Sociedade do Cansaço*<sup>7</sup> e *A Salvação do Belo*<sup>8</sup>. E para extração de conceitos e informações mais breves: seu livro *No Exame e Hiperpluralidade*.

Tal interesse nos trabalhos de Byung-Chul Han, a saber, *Sociedade da Transparência*, *Sociedade do Cansaço*, e *Salvação do Belo*, surgiu no período pós-reclusão pandêmica, quando observei padrões e formatos recorrentes de discursos, em publicações e vídeos nas redes sociais. Pois antes mesmo de enfrentarmos uma pandemia, as redes faziam parte do dia a dia das pessoas, logo, ela já afetava o comportamento dos usuários, mas essa presença midiática se reforçou quando a rotina da população precisou ser modificada para que o trabalho, educação e o convívio familiar pudessem continuar, mas de forma diferente do “normal”. Em todo o mundo muitos perderam seus empregos, jornadas de trabalho foram reduzidas e/ou suspensas, houveram perdas familiares, e paralelo à problemática da inacessibilidade digital, consolidam-se inovações como a educação remota, a reinvenção de atividades profissionais e o direito à cultura começa a ser gradualmente mais acessível em meios digitais. Naturalmente, tudo foi bastante difundido nos meios sociais virtuais diante de todo o abalo no quadro socioeconômico e social.

Os direitos humanos, intrínsecos a todos os indivíduos, são indubitavelmente postos em xeque diante da situação calamitosa vivenciada. As prerrogativas positivadas no ordenamento jurídico brasileiro, mormente quanto às inscritas no Art. 5º, da Constituição Federal, ressaltam o cenário antagônico vivenciado, sendo o poder estatal responsável pela gestão de suas consequências: a constatação da elevação das taxas de desemprego, de condições sanitárias insatisfatórias, da inacessibilidade digital e do anticientificismo se deparam com o papel atribuído à pandemia de acelerador das iminentes transformações, sedimentando-se inovações como a educação tecnológica, a reinvenção das atividades laborativas e os meios sociais virtuais<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> *Sociedade da Transparência*: Editora Vozes; 1ª edição (26 julho 2016). (Sinopse) A sociedade da transparência é uma sociedade da desconfiança (Misstrauen) e da suspeita (Verdacht), que se baseia no controle em virtude do desaparecimento da confiança. A forte e intensa exigência por transparência aponta justamente para o fato de que o fundamento moral da sociedade se tornou frágil, que valores morais como sinceridade ou honestidade estão perdendo cada vez mais significado.

<sup>7</sup> *Sociedade do cansaço*: Editora Vozes; 1ª edição (1 janeiro 2015). É o nome de um ensaio do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han sobre uma enfermidade que está acometendo a sociedade. Segundo os conceitos de Han, o cansaço é uma resposta do corpo para o excesso de positividade e cobrança que a sociedade impõe.

<sup>8</sup> *A Salvação do Belo*: Editora Vozes; 1ª edição (24 junho 2019), HAN, Byung-Chul. Traz a experiência do negativo diante do belo, assim como diante da sublimidade ou do choque, cede lugar completamente ao gosto culinário, ao like, à curtida. Trata-se, em última análise, de uma pornografização do belo. Em seu novo livro, Byung-Chul Han reflete sobre o belo na era digital. Esse ensaio invoca e evoca as formas do belo que se manifestam como verdade, como desastre ou como sedução. São exploradas também as dimensões do belo que fundariam uma ética ou política do belo.

<sup>9</sup> AGUILERA, Ana Beatriz Manfio Téles. Reflexões sobre a sociedade e o planeta, A humanidade que sobreviveu ao Corona Vírus. LOTAÇÃO: 2ª Promotoria de Justiça de Ibaiti. Curitiba 2020, p. 9.

Também inserida neste contexto e como participante das redes sociais, decidi investigar melhor conceitos no campo filosófico que pudessem fundamentar os fenômenos observados. Com isso, o que proponho neste trabalho como objetivo geral é, por meio da pesquisa realizada nas obras de Byung Chul Han, poder reconhecer e aplicar alguns dos conceitos e características identificados pelo filósofo sul coreano. Para isso, trago em cada capítulo ao menos um exemplo de um fenômeno presente em redes sociais, que caiba e elucide os conceitos trabalhados nos textos de Chul Han, bem como as possíveis consequências aos usuários e os prejuízos trazidos à imagem. Com o objetivo específico de, talvez assim, poder provocar hoje uma atenção maior àqueles que estão mergulhados numa dimensão digital, e acabaram por perder sua criticidade contemplativa, seja diante de uma imagem, ou na realização e produção da mesma.

O trabalho resultante da pesquisa está estruturado em três capítulos. O Capítulo 1 trata a acentuação do *eu*, no que se refere à valoração de si próprio em negação à alteridade existente no *outro*. Este capítulo elucida também como a imagem e seu uso se estabeleceu hoje como uma ferramenta facilitadora da comunicação, além de apresentar as mudanças trazidas pela pandemia e as consequências disso que resultaram num dos fenômenos mais presentes hoje nas redes sociais, no tocante à reelaboração de divulgação e atividade profissional. No Capítulo 2, trata-se sobre os efeitos do sistema social ao empregar uma coação à transparência para acelerar os processos sociais, ainda negando a alteridade. Neste segundo capítulo, se apresenta uma sociedade transparente que superficializa e uniformiza o comportamento digital, além de trazer também a noção de controle e poder, pela necessidade de consumir e produzir conteúdos, necessidade essa que pode conduzir o sujeito ao esgotamento, cansaço. Por fim, no Capítulo 3 será desenvolvida uma reflexão acerca das consequências da atividade digital à imagem e contemplação. Neste capítulo será analisado como os habitantes do mundo digital, ao performar seus corpos, os transformam em objeto expositivo, bem como a escassez da aura nas imagens, o prejuízo à contemplação e a carência do belo nas mesmas. As considerações finais procuram abreviar as questões de maior relevância apresentadas nesta pesquisa.

## CAPÍTULO 1 - UMA ACENTUAÇÃO DO *EU* E DA IMAGEM NA SOCIEDADE MUDIÁTICA

### 1.1 A NEGAÇÃO À ALTERIDADE E A RELEVÂNCIA DA IMAGEM

Existe uma área da psicologia, especificamente a psicologia humanista<sup>10</sup>, que trata um pouco do ser humano e de suas necessidades. Um conceito elaborado por um dos nomes considerado criador desta área - Abraham Harold Maslow<sup>11</sup> - estabelece as condições necessárias para que cada pessoa atinja suas satisfações pessoais e profissionais. Abraham descreve o esquema em uma pirâmide batizada com seu nome - Pirâmide de Maslow<sup>12</sup> - que hierarquiza estas necessidades ao longo da vida do indivíduo. Sendo duas delas voltadas às necessidades fisiológicas e segurança, as outras três postas até o topo são: relacionamento, estima e realização pessoal. As últimas três têm relevância para tentar justificar o comportamento hoje do ser humano nas redes sociais em buscar a socialização, a busca do reconhecimento dentro das relações e a auto realização.

Fazendo uma breve introdução sobre o que Byung-Chul Han trabalha em seu livro *Sociedade do Cansaço*, ao falar de tal sociedade ele expõe que estamos vivenciando um momento de comportamento imunológico<sup>13</sup> frente à alteridade<sup>14</sup> o qual: “o objeto de defesa imunológica é a estranheza como tal, mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo, é eliminado em virtude de sua alteridade”<sup>15</sup>. Nesta reflexão do filósofo acerca da sociedade, há uma afirmação do eu, de nós mesmos pois: “nessa negação do outro o próprio sucumbe, quando não consegue, de seu lado, negar àquele. A autoafirmação imunológica do próprio, portanto, se realiza como negação da negação. O próprio afirma-se no outro, negando a negatividade do outro”<sup>16</sup>. Com isso, surge, na concepção de Chul Han, uma

---

<sup>10</sup>A Psicologia Humanista defende um modelo de ciência do homem, que respeite e seja adaptável às especificidades do referido objeto de estudo. Só veio a categorizar-se como abordagem psicológica, nos Estados Unidos, já no século XX, mais precisamente na década de 1930. Os primeiros trabalhos a respeito do tema só foram publicados na década de 1940, ainda que autores como Abraham Harold tivessem recebido notoriedade somente em 1950.

<sup>11</sup> Abraham Harold Maslow (1908 – 1970) foi um psicólogo americano, conhecido pela proposta Hierarquia de necessidades de Maslow.

<sup>12</sup> Pirâmide de Maslow é uma teoria que organiza, em uma representação gráfica, a hierarquia das necessidades humanas de acordo com o seu nível de importância. Por isso, é possível que você também conheça o conceito pelo nome de Hierarquia das Necessidades de Maslow.

<sup>13</sup> Imunológico – (Medicina) relativo ao sistema imunitário, sistema de defesa de um organismo que o protege contra agentes infecciosos ou tóxicos; imunitário.

<sup>14</sup> Alteridade: caráter ou estado do que é diferente, distinto, que é outro. Que se opõe à identidade, ao que é próprio e particular; que enxerga o outro, como um ser distinto, diferente. [Filosofia] Circunstância, condição ou característica que se desenvolve por relações de diferença, de contraste.

<sup>15</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade do Cansaço*, 2015, p. 7.

<sup>16</sup> HAN, Byung Chul, *Sociedade da transparência, Sociedade positiva*, 2016 p. 09.

visão narcisista a qual “o sujeito narcísico atual percebe tudo como simples efeito de sombra de si mesmo. É incapaz de ver o outro na sua alteridade”<sup>17</sup>, daí se promove um ambiente quase de competitividade, em que “vencerá” o indivíduo que conseguir se sair melhor nesse excesso de afirmação e negação da alteridade, fenômeno que é possível observarmos nas redes sociais - como o Instagram, Facebook, Twitter, entre outras - se desenvolvendo a partir das imagens. A influência imagética difundida em massa não é um fenômeno recente, ela foi historicamente elaborada e aprimorada gradualmente desde o advento da fotografia, em 1826, progredindo com o cinema em 1895, até chegar nas redes sociais que hoje utilizam muito mais as imagens como mecanismos de comunicação, bem mais do que outros recursos como textos, gestos, cores e até a fala, segundo um apontamento de Heron Rocha<sup>18</sup> e pesquisa de Gabriella Coffioni<sup>19</sup>.

O processo de assimilação e retenção da informação de uma imagem acontece de forma emocional e subliminar e, por isso, é bem mais fácil do que o de uma palavra. Devido à força que ela tem para transmitir ideias ou conceitos, a imagem se torna elemento estrutural essencial nas peças de comunicação. Ela reforça a intenção da mensagem e amplia a sua permanência em nossos pensamentos. Através da emoção conseguimos convencer as pessoas a “comprarem” uma ideia. A função primordial de uma peça de comunicação, afinal, é conquistar a todos com a sua mensagem, seja para vender ou informar<sup>20</sup>.

As publicações em texto apresentaram queda. De 78% de todas as publicações criadas por perfis corporativos em 2020, para 65% até julho deste ano. A proporção de imagens aumentou em 30% em comparação com 2020 [...] isso porque vídeos curtos – área de maior investimento em todas as redes sociais analisadas (Youtube, Instagram, Facebook, Twitter), e também é possível incluir o TikTok nessa análise – são uma ótima solução para identificação com o público e novas audiências, e ainda direcionar tráfego para conteúdos mais longos e que acabam atingindo públicos de nicho<sup>21</sup>.

Sendo tal influência imagética trabalhada em sintonia com o contexto histórico, social e cultural, influem na formação e transformação de hábitos e formas de o sujeito pensar e agir em sociedade. Podendo criar ideais, valores, crenças, expectativas e até sonhos. Contribuindo

<sup>17</sup> HAN, Byung Chul, A Salvação do Belo, 2019, p. 80.

<sup>18</sup> Heron Rocha (data de nascimento não divulgada) é professor de Comunicação visual e artes e responsável pela produção criativa da agência Interligar | Branding, onde tem atuação destacada em mídias impressas e digitais, com projetos no Brasil e no exterior.

<sup>19</sup> Gabriella Coffioni (data de nascimento não divulgada) é Formada em Design de Moda pelo Centro Universitário Belas Artes, Gabriella Coffioni é a Marketing Team Leader LATAM da rewardStyle + LTK – o maior ecossistema mundial de apoio e monetização de conteúdo para influenciadores.

<sup>20</sup> ROCHA, Heron; O Poder da Imagem na Comunicação; Interligar; 08 de agosto de 2017.

<sup>21</sup> COFFIONI, Gabriella. Nas redes sociais, uma imagem vale mais do que mil palavras? Consumidor Moderno

para a promoção de comportamentos cada vez mais “narcisistas” e individualistas nas redes sociais.

O olhar narcísico que Chul Han aborda, e que pode se construir em cada usuário das redes sociais diante da vida, do dia a dia dos indivíduos, pode gerar um excesso de negação do *outro* nocivo ao processo de trocas de informações, gostos e culturas, já que:

O paradigma imunológico não se alinha com o processo de globalização. A alteridade, que provocaria uma imunorreção atuaria contrapondo-se ao processo de suspensão de barreiras. O mundo organizado imunologicamente possui uma topologia específica. É marcado por barreiras, passagens e soleiras, por cercas, trincheiras e muros. Essas impedem o processo de troca e intercâmbio<sup>22</sup>.

O realce no comportamento narcisista que Byung-Chul Han nos traz, e a acentuação da influência imagética que se deve pelo que foi abordada por Heron Rocha, pelas imagens se comunicarem melhor do que as palavras, os conteúdos imagéticos como propagandas, vídeos, fotos e mensagens são difundidos num volume extraordinariamente alto, fácil e rápido. Porque, claro, com o avanço tecnológico desde meados da década de noventa, as plataformas digitais, redes e aparelhos eletrônicos têm suportado e facilitado cada vez mais o compartilhamento abundante de imagens.

O ano de 1994 marca a quebra de paradigmas e mostra ao mundo os primeiros traços das redes sociais com o lançamento do GeoCities. O conceito desse serviço era fornecer recursos para que as pessoas pudessem criar suas próprias páginas na web, sendo categorizadas de acordo com a sua localização. Outros dois serviços foram anunciados em 1995 — esses com características mais claras de um foco voltado para a conectividade entre pessoas. O The Globe dava a liberdade para que seus adeptos personalizassem as suas respectivas experiências online publicando conteúdos pessoais e interagindo com pessoas que tivessem interesses em comum. Por sua vez, o Classmates visava disponibilizar mecanismos com os quais os seus usuários pudessem reunir grupos de antigos colegas de escola e faculdade, viabilizando troca de novos conhecimentos e o simples ato de marcar reencontros. Por volta dos anos 2000, a internet teve um aumento significativo de presença no trabalho e na casa das pessoas. Com isso, as redes sociais alavancaram uma imensa massa de usuários e a partir desse período uma infinidade de serviços foram surgindo<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade do Cansaço*, 2015, p. 9.

<sup>23</sup> AQUINO, Fernando. *A história das redes sociais: como tudo começou*. Tecme; 26 de novembro de 2012.

## 1.2 MUDANÇAS TRAZIDAS PELA PANDEMIA

Consideremos ainda, não exatamente como um agravante, a Pandemia da Covid-19 e o seu confinamento, quarentena<sup>24</sup>, que perdurou de 2020 a 2022, os quais criaram afastamentos sociais, mas também possibilidades.

Apesar do momento de reclusão geral ter exigido distância, paciência e adaptabilidade das pessoas ao redor do mundo pudemos experimentar de uma forma mais intensa a conexão com outros indivíduos, virtualmente falando, já que precisamos nos inserir ainda mais com certa urgência aos meios digitais de interação e conexão. Não só as adaptações operacionais, como aulas remotas das escolas, ou os serviços de atendimento, encomendas, consultas e terapias online, mas a questão da autopromoção também se acentuou no meio virtual e tomou proporções gigantes. Retomando aqui o comportamento narcisista “imposto” pelo meio digital. Aos olhos do filósofo Byung Chul Han, o mesmo apresenta uma perspectiva digital e como o capital influencia no comportamento das pessoas, pensando na estética, nas ideologias e no poder, quando com isso:

Se tem uma relação quase obsessiva, compulsória com o aparato digital. *Também aqui a liberdade se inverte em coação*. As redes sociais fortalecem enormemente essa pressão de comunicação. Ela resulta, em última instância, da lógica do capital. Mais comunicação significa mais capital. A circulação acelerada de comunicação e informação leva à circulação acelerada de capital<sup>25</sup>.

O filósofo também discorre que não possuímos liberdade quando lidamos com o mundo digital. Nós somos vigiados e punidos. Não há espaço para debates nas mídias sociais, o que existem são premissas e as pessoas que são contrárias a elas tendem a atacar de modo agressivo e ofensivo a pessoa que trouxe essas ideias. Como Byung-Chul Han coloca:

O enxame digital consiste em indivíduos singularizados. A massa é estruturada de um modo inteiramente diferente. Ela revela propriedades que não podem ser referidas aos indivíduos. Os indivíduos se fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum *perfil próprio*<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> Quarentena é a reclusão de indivíduos ou animais sadios pelo período máximo de incubação de uma doença, contado a partir da data do último contato com um caso clínico ou portador. A efetividade do isolamento/quarentena como medida de controle depende de fatores epidemiológicos como o intervalo serial (tempo de duração do início de sintomas entre sucessivos casos em uma cadeia de transmissão) e o período de incubação (tempo de duração entre a infecção e o aparecimento de sintomas) do SARS-CoV-2.

<sup>25</sup> HAN, Byung-Chul, No Enxame, 2018, p. 39.

<sup>26</sup> HAN, Byung-Chul, No Enxame, 2018, p. 17.

A comunicação, efetuada por meio de imagens se faz também essencial entorno da sociedade midiática quando tratamos do consumo, pois ao nos colocarmos, posarmos e promovermos uma imagem de nós ou de algo para as redes sociais, podemos cair no campo do consumo.

A conexão digital favorece a comunicação simétrica. Hoje em dia, aqueles que tomam parte na comunicação não consomem simplesmente a informação passivamente, mas sim a geram eles mesmos ativamente. Nenhuma hierarquia clara separa o remetente do destinatário. Todos são simultaneamente remetentes e destinatários, consumidores e produtores<sup>27</sup>.

Acabamos então, possibilitando a produção de conteúdo em que nós mesmos, na busca de uma inserção na massa, fazemos de nossa imagem e trabalho uma mercadoria de aceitação social e status.

Nesse contexto, quando o filósofo sul coreano afirma que “o sujeito produtivo de hoje é ofensor e vítima”<sup>28</sup>, toda disseminação de massa se torna nociva, já que os indivíduos acabam aderindo a um modelo de comportamento narcisista atual que os coloca diante de um cenário em que se exige que sejam produtivos, e, por consequência, adquiram enfermidades como a depressão.

A depressão é, sobretudo, uma enfermidade narcisista. A auto referência exagerada e doentamente sobrecarregada leva à depressão. O sujeito narcisista-depressivo sente apenas a reverberação de si mesmo. Há significado apenas lá, onde ele de algum modo se reconhece. O mundo aparece a ele apenas sob a sombra do Si. No fim, ele se afoga em si mesmo, esgotado e cansado de si mesmo. A nossa sociedade hoje se torna cada vez mais narcisista. Mídias sociais como o Twitter ou o Facebook acentuam esse desenvolvimento, pois elas são mídias narcisistas<sup>29</sup>.

Conforme seguimos isso, nossas conexões, nossas ações por medo do desmembramento pessoal da massa, tendemos a nos perder de nós e do outro, e assim, cair no que Byung-Chul nos trouxe sobre a perda de um perfil próprio, além de correremos o risco de conquistar a mesma efemeridade adquirida pelas imagens que não perduram nas redes, se tornam fugazes tal qual nossa presença midiática, o que nos pede mais produtividade a cada dia.

---

<sup>27</sup> HAN, Byung-Chul, No Enxame, 2018, p. 09.

<sup>28</sup> HAN, Byung-Chul, No Enxame, 2018, p. 20.

<sup>29</sup> HAN, Byung-Chul, No Enxame, 2018, p. 62.

### 1.3 O QUE É A “TIKTOKZAÇÃO” DAS PROFISSÕES?

Abordando ainda sobre o recorte de “produtividade digital”, o termo “Tiktokzação” foi derivado da rede social TikTok, que surgiu com o intuito de ser um aplicativo destinado ao compartilhamento de vídeos curtos, de 15 segundos a 3 minutos, que se popularizou de 2019 para cá com diversos recursos de edição para elaborar vídeos. Assim como as demais redes, Instagram, Facebook e Twitter – seu principal objetivo é o compartilhamento de conteúdo e criação de comunidades, feito na maior parte do tempo por meio de frases, mas também com a possibilidade de compartilhar fotos ou vídeos – é possível seguir os perfis de outros usuários, interagir com os mesmos, “curtir” as publicações, fazer comentários e compartilhar o conteúdo da plataforma em outras redes sociais.

O aplicativo teve seu sucesso alavancado durante a quarentena por conta da Covid-19 e as medidas sanitárias, como o isolamento social, que reduziram o contato pessoal das pessoas, as dirigindo para o meio virtual como tratei anteriormente. O TikTok se manteve popular graças a seu apelo para a viralização<sup>30</sup>, pois na criação de seus vídeos os usuários realizam desafios, imitam celebridades, reproduzem coreografias e propõem sátiras que instigam os demais perfis a também participarem destes conteúdos virais.

Apesar de sermos indivíduos autônomos, com poder para deliberar se a mídia determinará ou não nosso comportamento, vemos que a “Tiktokzação” é um fenômeno midiático que surgiu também pela necessidade profissional de autopromoção. Ele demanda de quem emprega esse artifício uma reorganização dos conteúdos de diversas profissões para que se façam sucintos, e que seus usuários consigam aplicá-los à plataforma de modo mais informal com seus possíveis clientes/públicos, através de coreografias e pequenos vídeos bem-humorados, que vem se popularizando cada vez mais.

Antes de correlacionar Byung-Chul Han ao fenômeno de Tiktokzação, quando o filósofo trabalha sua perspectiva sobre a cultura digital em seu texto *Hiperculturalidade*<sup>31</sup>, considera a cultura um reflexo da sociedade, ele faz uma comparação a uma rede e diz que a cultura é expressão importante do mundo digital, por romper as barreiras tanto do tempo quanto das

---

<sup>30</sup> Viralização é um termo que surgiu com o crescimento do número de usuários das redes sociais e blogs. A palavra é utilizada para designar os conteúdos que acabam ganhando repercussão (muitas vezes inesperada) na web.

<sup>31</sup> *Hiperculturalidade: Cultura e globalização*, Editora Vozes; 1ª edição (20 dezembro 2019). (Sinopse) A globalização é um processo complexo. É problemática a ideia de uma diversidade cultural orientada pela proteção de espécies que só poderia ser alcançada por cercados artificiais. Seria infrutífera a pluralidade museológica ou etnográfica. Tal “hipercultura” vem do sentido de “super” ou “mais cultura” que também pode significar uma cultura desmedida, muito ampla e abrangente, sem lugar determinado, talvez sem um “berço” definido, assim como a cultura digital também acabou se tornando uma cultura “sem lugar”.

localidades, as interações as trocas culturais, as simbolizações funcionam entre os indivíduos não só frente a frente, ao vivo, mas nos coube muito bem também de forma virtual, com relação à comunicação e interação, como fizemos nesse período de distanciamento social proporcionado pela quarentena.

A “interwingularity” (“o caráter de inter-interligação”) ou a “structangle” (“estrutura –emaranhada”) caracteriza-também a cultura de hoje. A cultura perde cada vez mais a estrutura de um texto ou livro convencional. [...] desfazem-se os limites ou as vedações nos quais a aparência de uma autenticidade cultural ou originalidade são acentuadas. A cultura arrebenta, por assim dizer, em todas as costuras, em todos os limites ou fendas. Fica deslimitada, sem-fronteiras, des-costurada em uma hipercultura.

O processo de globalização acelera com as novas tecnologias. A proximidade que surge nesse processo produz uma plenitude, um fundo de práticas de vida e formas de se expressar culturais. O processo de globalização atua de modo acumulativo e condensador. Conteúdos culturais heterogêneos apinham-se em uma justaposição. Espaços culturais se sobrepõem e se atravessam<sup>32</sup>.

Com essa medida sanitária decorrente da pandemia, houve uma aceleração e adoção das modalidades de trabalho remoto, bem como o desemprego para aqueles trabalhos que não conseguiram se adequar ao Home Office<sup>33</sup>, ou os setores de serviços pessoais como hospedagem, alimentação e transporte que foram afetados pela queda da demanda decorrente do redirecionamento de parte da população dos seus locais de trabalho a suas residências.

Como não proponho aqui uma análise apenas dos malefícios deste fenômeno e dessa inserção dos usuários ao Tiktok, se muitos aderem à plataforma, é porque aparentemente há algum benefício. E um dos benefícios do aplicativo é a possibilidade de participar das tão famosas *trends*<sup>34</sup> da plataforma, pois as marcas, empresas e autônomos tem facilidade em alinhar suas estratégias de marketing de acordo com os seus próprios nichos de conteúdo, fazendo com que ganhem de forma direta uma maior visibilidade e reconhecimento para o negócio/ramo, logo, como resultado, o usuário pode ter mais pessoas interessadas em seu trabalho ou marca, conquistando desde pessoas que estarão ali pelo entretenimento oferecido ou para serem clientes em potencial. Vejamos, por exemplo, o relato feito por uma usuária do Tiktok em

---

<sup>32</sup> HAN, Byung-Chul, Hiperculturalidade, 2019, p. 20 – 21.

<sup>33</sup> Home office, em tradução literal para o nosso idioma, significa “escritório em casa”. E é justamente isso que o termo representa. Ou seja, quando alguém está trabalhando em *home office*, está usando a própria casa como escritório. Nesse caso, o trabalhador utiliza o mesmo ambiente para trabalhar e viver.

<sup>34</sup> Trends (inglês) significa “tendência” e dá nome aos conteúdos que atingem um pico de popularidade nas redes sociais por determinado período; estão presentes no Instagram, Facebook, Twitter, Tiktok, entre outras redes tempo.

entrevista ao Podcast Foca Talk, realizada por alunos de jornalismo da Faculdade Univale, que viu na plataforma um meio de divulgar seu trabalho como nutricionista:

Essa migração digital que está acontecendo nos últimos tempos, acredito que está ajudando muitos profissionais e trabalhadores que querem expor seu trabalho, que querem mostrar e alcançar mais pessoas de uma forma rápida, com um alcance muito rápido e prático, através de vídeos rápidos onde as pessoas mais se identificam para assistir [...] O Tiktok é um meio de comunicação muito grande e valioso, que ajuda e auxilia muito, principalmente para quem está começando agora para quem acabou de se formar, é um meio de promoção e divulgação e te auxilia bastante<sup>35</sup>.

A usuária observa ainda em entrevista que a percepção do público frente a um profissional que se expõe em um meio pouco convencional como o Tiktok, é muito relativa:

Com relação à credibilidade e como eu enxergo as pessoas que olham os profissionais que usam esse meio para expor e divulgar seu trabalho, é muito relativo, porque há muitas pessoas que assistem o seu vídeo com um propósito, que assistem seu conteúdo com uma finalidade e tem pessoas questão ali para não valorizar o seu material. Então acredito que precisa ser mais valorizado, acredito que as pessoas têm chances e conseguem sim focar, assistir um vídeo e entender, porque é fácil de se entender, algo prático, por isso acho que tenha muito a crescer e que muitos profissionais tendem a ganhar espaço através desse meio para divulgar seu trabalho<sup>36</sup>.

Não só para aqueles que se formaram recentemente ou estão começando suas carreiras agora, mas aqueles profissionais e empresas que já possuem, ou possuíam espaço no mercado, uma carreira consolidada, tiveram também oportunidades geradas pelo aplicativo. Uma das maiores dificuldades das empresas e autônomos durante o isolamento social foi conseguir permanecer em contato com seu público, ter uma boa relação com os clientes. Por isso, há a necessidade em divertir seu público e mantê-lo encantado em seu serviço/produto, por meio dos vídeos descontraídos publicados na plataforma.

#### **1.4 POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS DESTES FENÔMENOS**

Com esses novos artificios de contato e propaganda oriundos do Tiktok, que foram abraçados pelas empresas e profissionais em uma frequência maior, as empresas começaram a esperar,

---

<sup>35</sup> Podcast Foca Talk, Departamento de Jornalismo, Univale, 2021.

<sup>36</sup> Podcast Foca Talk, Departamento de Jornalismo, Univale, 2021.

analisar e buscar isso em seus funcionários, como conta a psicóloga organizacional e clínica Valéria Mol, que atualmente atua na área do RH, em entrevista ao Podcast Foca Talk:

As empresas cobram o tipo de funcionário que esteja integrado às novas tecnologias. Hoje vemos após a pandemia, como foi importante para as empresas e profissionais se comunicarem com seu público através do Tiktok e dos *Reels*<sup>37</sup>, etc. [...] então achamos que é algo que irá continuar, é uma tendência, e como tudo é muito rápido, pode haver mudanças, mas pode haver um aperfeiçoamento disso tudo e inclusive nós profissionais e a população de uma forma geral se adaptar melhor e utilizar as redes sociais para engajamento pessoal, profissional dentro das empresas<sup>38</sup>.

Contudo, mesmo existindo certa exigência do mercado ao engajamento virtual, cada profissão possui seu código de ética e com a Tiktokzação vemos muitos profissionais perdendo essa ética em prol de se tornarem “virais”. Então o “viralizar” não cabe exatamente a todas as profissões da mesma maneira como uma receita de bolo. Trata-se de um cuidado pessoal que todos os usuários devem possuir com sua própria profissão, compreendendo seu código de ética e o utilizando com bastante responsabilidade e bom senso, pois apesar de haver uma abertura para a irresponsabilidade, para exceder os limites do que é permitido, um bom profissional deve saber, conhecer o código de ética e o comportamento que é esperado dele, mas não que deslizos não possam ocorrer.

Independentemente de se estar no mercado há muito tempo ou não, aqueles profissionais que desejam se incluir nessa Tiktokzação precisam estudar a plataforma, assistir aos vídeos de conteúdos semelhantes aos dele, ou o formato que gostaria de apresentar seu trabalho e fazer uma análise consigo mesmo do quanto ele ou ela está disposto e quer se expor, o quanto suportaria a exposição, porque mesmo as empresas respeitando os limites, características e personalidades dos colaboradores quando inseridos nas redes sociais em prol da empresa, admitem que há a possibilidade de adaptação, como acrescenta Valéria Mol:

Talvez você não dance, mas você pode apresentar algo interessante e criativo sem dançar, por isso é necessária essa adaptação e ter esse respeito pessoal para o que o profissional dá conta ou não, mas ele terá que lidar com essas ferramentas de alguma forma<sup>39</sup>.

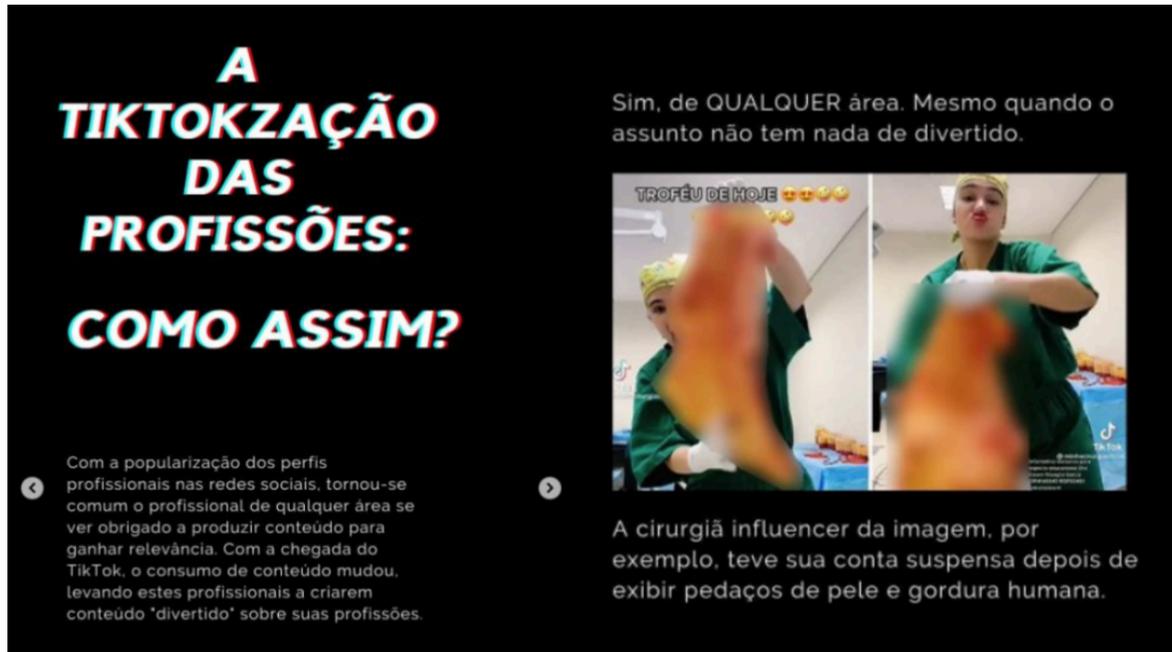
---

<sup>37</sup> Reels é um formato de vídeo que pode ser criado e compartilhado dentro da rede social. Com o Reels, é possível gravar um vídeo (ou publicar um pronto) de até 90 segundos. Foi criado em oposição ao TikTok, principal concorrente do Instagram.

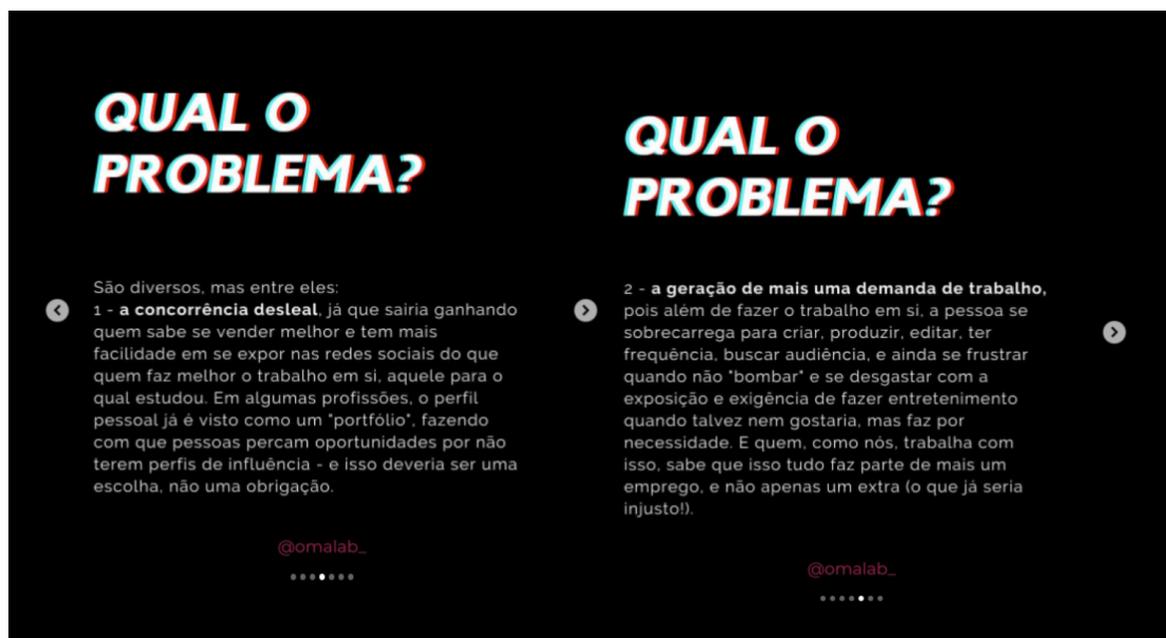
<sup>38</sup> Podcast Foca Talk, Valeria Mol, Departamento de Jornalismo, Univale, 2021.

<sup>39</sup> Podcast Foca Talk, Valeria Mol, Departamento de Jornalismo, Univale, 2021.

Como nem todos os profissionais conseguem adequar seu conteúdo à plataforma, por vezes surgem postagens descabidas, com utilização de imagens indevidas para garantir o aumento do número de visualizações e de seguidores. Vejamos o exemplo que é bem elucidado pelo perfil no Instagram @omalab<sup>40</sup> (figuras 1; 2; 3) sobre a Tiktokzação.



(Figura 1) Compilado de prints do Instagram. Publicação sobre a Tiktokzação das profissões, Julho de 2022.



(Figura 2) Compilado de prints do Instagram. Publicação sobre a Tiktokzação das profissões, Julho de 2022.

<sup>40</sup> Oma Lab é um perfil de usuário do Instagram, que se afirma como criador de conteúdo digital e pode ser encontrado/acessado pelo nome de @omalab\_ no seguinte link: [https://www.instagram.com/omalab\\_/](https://www.instagram.com/omalab_/)



(Figura 3) Compilado de prints do Instagram. Publicação sobre a Tiktokzação das profissões, Julho de 2022.

O perfil Oma Lab do Instagram – que também pertence a um criador de conteúdo digital - critica as consequências em cima dessa exposição e da demanda de esforço em sempre estar proporcionando entretenimento e conteúdo. Uma pressão que surge pura e simplesmente pela necessidade de inserção, de adequação do sujeito ao meio digital para que possa dar continuidade ao seu trabalho com melhores condições. E entende que quando o esforço cai no campo da obrigação, há prejuízo aos criadores. Como exposto na legenda que acompanha a publicação.

“Há poucos dias, o head do Instagram anunciou que a rede não é mais uma rede de compartilhamento de fotos, mas sim de entretenimento, focando nos vídeos. É claro que há espaço para continuar fazendo conteúdos mais densos, como alguns perfis aqui na rede que tem feito muito sucesso, mas sabemos como o algoritmo tem seu jeitinho de prejudicar certos conteúdos em detrimento de outros, quando quer bombar um formato específico. Preferências à parte, tem rolado uma discussão sobre todo profissional ter que ser um influenciador de si mesmo e os problemas que isso traz. A ironia é que pouco tempo atrás, um dos trunfos das redes sociais era a democratização da comunicação de marcas e empresas, já que a publicidade não ficava mais restrita apenas às grandes mídias e preços exorbitantes. Com pouco ou nenhum dinheiro, era possível ter um perfil legal que divulgasse o negócio, suprimindo essa necessidade. Mas agora parece que o jogo virou e quem não criar conteúdo, ter engajamento e muitos seguidores, ou seja, quem não for influencer na sua área, fica pra trás.

Sendo que agora, a prioridade nas duas principais redes do momento (Instagram e TikTok) é do entretenimento. Ou seja, não basta fazer bem o seu trabalho e produzir bons conteúdos, é preciso entreter.

O que vocês acham disso?<sup>41</sup>”.

Diante dessas dificuldades, exposições e esforços para se inserir na plataforma de vídeos, outros comentários surgem perante a facilidade como, não só alguns profissionais, mas crianças e jovens têm recebido um retorno financeiro e em popularidade também, pois ao se tornarem conhecidos, marcas começam a utilizar sua imagem e alcance de público para fazer o que parece ser uma “terceirização de propaganda”, afinal, a plataforma é gratuita, não precisam investir em outros meios midiáticos que possuem um valor alto de negociação para a divulgação de seus serviços e produtos. Vale pontuar aqui novamente a utilização das redes voltadas para o consumo.

Não é difícil encontrar casos em que o indivíduo sai do anonimato por conta das redes e se transforma numa celebridade famosa, e com a produção de seus vídeos e publicações acaba sendo notado por agências e empresas, como é o caso de Raphael Vicente<sup>42</sup>, jovem influencer<sup>43</sup> morador do complexo da Maré conseguiu atrair a atenção da empresa Play9<sup>44</sup> e em 2021 foi convidado para ser garoto propaganda de vídeo institucional para a campanha de vacinação.

---

<sup>41</sup> A tiktokzação das profissões; Oma Lab, via Instagram, julho de 2022.

<sup>42</sup> Raphael Vicente (2000-) é um dos influenciadores do momento. Aos 22 anos, o jovem que vive no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, ganhou o Brasil e o mundo com seus conteúdos digitais. Rapha é influenciador digital e também atua como roteirista, produtor, editor e protagonista dos seus vídeos.

<sup>43</sup> Um **influencer** digital é alguém capaz de influenciar pessoas através da sua produção de conteúdo nas redes sociais.

<sup>44</sup> Play9 é um estúdio de criação de conteúdo e formatos digitais de fundado pelo influencer Felipe Neto em sociedade com João Pedro Paes Leme e Marcus Vinícius Freire.



(Figura 4) G1, Rio de Janeiro. Vídeo institucional da campanha de vacinação da prefeitura do Rio de Janeiro, Agosto de 2021.

Ocorreu semelhante com outros influencers como Vittor Fernando<sup>45</sup> (Figura 5), Isaías Silva<sup>46</sup> (Figura 6) e Bruna Pinheiro<sup>47</sup> (Figura 7) que ganharam visibilidade no período da pandemia e hoje conseguem fazer renda por meio de propagandas às marcas e outras empresas.

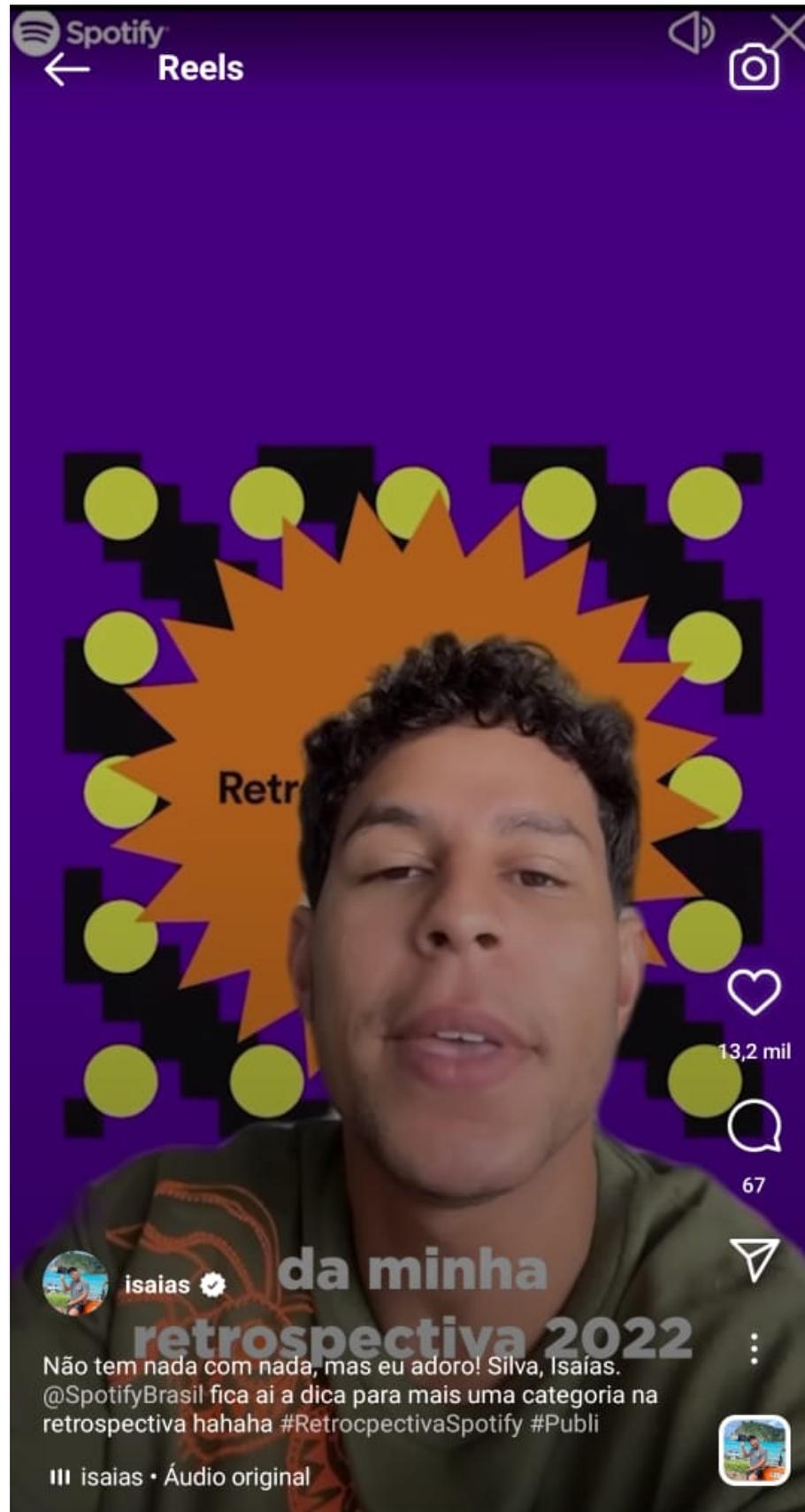
<sup>45</sup> Vittor Fernando (1995-), ator e TikToker paulista cujo conteúdo é focado em esquetes de humor. Ele costuma distorcer a própria voz e o formato do rosto nos vídeos para obter efeito humorístico. Mais de 10 milhões de pessoas seguem a conta vittorfernando no TikTok.

<sup>46</sup> Isaías Silva (1998 -), mora em Sete Lagoas, região central de Minas Gerais, é um jovem humorista influencer que pretende um dia poder fazer projetos maiores voltados à comédia.

<sup>47</sup> Bruna Pinheiro (2000 -), influencer pernambucana que produz vídeos humorísticos, possui mais de 600 mil seguidores no Tiktok e 320 mil no Instagram.



(Figura 5) Arquivo pessoal; Vittor em propaganda à Britânia. Reprodução/Instagram; Janeiro de 2023.



(Figura 6) Arquivo pessoal; Isaías em divulgação à plataforma Spotify. Reprodução/Instagram; Janeiro de 2023.



Com o sucesso destes jovens e crianças e o retorno que têm recebido, ficou comum esbarrar em comentários de usuários nas demais redes sociais como o Twitter e o Facebook, a maioria inserida no mercado de trabalho, ou ao menos tentando, pontuando a dificuldade em se ter retorno financeiro em comparação com a participação ativa no Tiktok de outras pessoas que se tornam sucessos virais, seja pela utilização de um hit musical, uma coreografia, um desafio ou uma explanação simples e rasa de algum conteúdo. Enquanto pessoas inseridas há anos no mercado, com carreiras sólidas, ou aqueles que se profissionalizam constantemente não tem o mesmo retorno e reconhecimento.



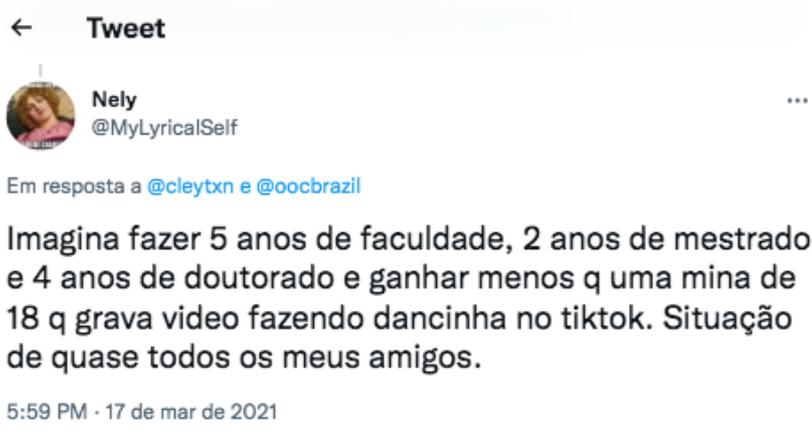
(Figura 8) Compilado de prints do Twitter, (arquivo pessoal). Novembro de 2021.



(Figura 9) Compilado de prints do Twitter, (arquivo pessoal). Novembro de 2021.



(Figura 10) Compilado de prints do Twitter, (arquivo pessoal). Novembro de 2021.



(Figura 11) Compilado de prints do Twitter, (arquivo pessoal). Novembro de 2021.



(Figura 12) Facebook. Novembro de 2021.

## CAPÍTULO 2 – DA TRANSPARÊNCIA AO CANSAÇO

### 2.1 A EXPOSIÇÃO POR TRANSPARÊNCIA E SUPERFICIALIDADE DE CONTEÚDO

Como observado nas imagens do capítulo anterior e me valendo das mesmas, proporei aqui a aplicação do trabalho de Byung-Chul Han, *Sociedade da Transparência*, como ferramenta numa análise aos exemplos imagéticos e os fenômenos recentes das redes sociais. Nesta obra de Chul Han, o filósofo trabalha uma sociedade pautada na transparência que é articulada a partir do tema de liberdade de informação<sup>48</sup>, a qual tal transparência se faz necessária por todos os lados, não somente no âmbito político e da sociedade. Como declara BCH: “ela é uma coação sistêmica que abarca todos os processos sociais, submetendo-os a uma modificação profunda. Hoje, o sistema social submete todos os seus processos a uma coação por transparência, para operacionalizar e acelerar esses processos”<sup>49</sup>.

O filósofo discorre que nos encontramos então numa sociedade transparente no sentido de que hoje as pessoas trazem a todo momento suas vidas, expondo publicamente e continuamente, principalmente nas redes sociais, parte do seu cotidiano, suas casas, gostos e rotinas. A vida passa a se desenvolver num ambiente caracterizado então pela superficialidade e homogeneização dos indivíduos, sem muito espaço para a diversidade, definido também pela falta de sinceridade e honestidade das pessoas. Pois aqueles que se sujeitam a tal exposição, descartam sua privacidade e acabam uniformizando seu comportamento digital, se comprometendo com uma necessidade de excesso de informação, pela sociedade transparente. Além de contribuir com o enraizamento de uma “sociedade positiva”- a qual nega-se todo e qualquer tipo de sofrimento ou dor - como Byun-Chul expõe em trechos do seu livro, a sociedade da negatividade vai cedendo espaço a uma sociedade na qual se descontrói cada vez mais a negatividade em favor da positividade.

Portanto, a sociedade da transparência vai se tornando uma sociedade positiva [...] as coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam rasas e planas, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação. As ações se tornam transparentes quando se transformam em operacionais,

---

<sup>48</sup> Liberdade de informação é uma extensão da liberdade de expressão, um dos direitos humanos reconhecidos pela lei internacional, que hoje em dia é geralmente melhor entendida como liberdade de expressão em qualquer meio, seja oralmente, na escrita, no formato impresso e na Internet ou através de formas de arte.

<sup>49</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da Transparência*, 2016, p. 10 - 11.

quando se subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle<sup>50</sup>.

A sociedade positiva tampouco admite qualquer sentimento negativo. Desse modo, esquecemos como se lida com o sofrimento e a dor, esquecemos de como dar-lhes forma. Para Nietzsche, a alma humana deve sua profundidade, grandeza e fortaleza precisamente ao demorar-se junto ao negativo<sup>51</sup>.

Byung-Chul Han aponta a sociedade positiva como dominada pela transparência e obscenidade, já que as informações sobre as pessoas e usuários das redes são despejadas nas plataformas em uma articulação que promove certa violência simbólica por ser coercitiva, já que tal homogeneização vem como uma imposição da sociedade da transparência: “a coerção por transparência nivela o próprio ser humano a um elemento funcional de um sistema. Nisso reside a violência da transparência”<sup>52</sup>.

A coerção por transparência estabiliza o sistema existente de maneira bastante efetiva. Em si a transparência é positiva. Dentro dela não se encontra qualquer negatividade que pudesse colocar em questão o sistema político-econômico vigente; ela está cega em relação ao lado exterior do sistema; simplesmente confirma e otimiza o que já existe. Por isso, a sociedade da transparência caminha de mãos dadas com a pós-política. Totalmente transparente só pode ser o espaço despolitizado. A política sem referência desanda em referendo<sup>53</sup>.

Ainda sobre a questão da sociedade positiva e com relação a exposição midiática das pessoas, Chul Han fala que o comportamento mais narcisista, citado no capítulo anterior deste trabalho, se faz bastante presente nas redes sociais e que elas de certo modo lhes servem como sintomas de fenômenos indicadores da linguagem cada vez mais restrita de negatividade. Como estamos influenciados e moldados pela positividade para gerar interação, engajamento, reconhecimento do outro, e ampliar nossa conexão com os demais indivíduos, apresento o seguinte trecho de BCH como exemplo desta condição:

O veredicto da sociedade positiva é este: “Me agrada”. É significativo que o Facebook se negue coerentemente a introduzir um emotion de *dislike button*. A sociedade positiva evita todo e qualquer tipo de negatividade, pois esta paralisa a comunicação. Seu valor é medido apenas pela quantidade e velocidade da troca de informações, sendo que a massa de comunicação também eleva seu valor econômico e veredictos negativos a prejudicam. Com

<sup>50</sup> HAN, Byung Chul, *Sociedade da transparência, Sociedade positiva*, 2016 p. 09.

<sup>51</sup> HAN, Byung Chul, *Sociedade da transparência, Sociedade positiva*, 2016, p. 17.

<sup>52</sup> HAN, Byung Chul, *Sociedade da transparência, Sociedade positiva*, 2016, p. 20 – citação de BAUDRILLARD, J. *Die fatalen Strategien – Die Strategie der Täuschung*. Munique, 1992, p. 29.

<sup>53</sup> HAN, Byung Chul, *Sociedade da transparência, Sociedade positiva*, 2012, p. 21.

*like* surge uma comunicação conectiva muito mais rápida do que com o *dislike*<sup>54</sup>.

Considerando o trecho anterior, neste exercício de exposição pessoal entorno de um comportamento positivo nas redes sociais, cada indivíduo torna-se seu próprio sujeito-propaganda, como Byung-Chuk Han diz: “tudo é mensurado pelo seu valor expositivo”<sup>55</sup>. Levando tal dizer em conta, me valho do livro Sociedade da Transparência para apresentar uma possível aplicação ao fenômeno de Tiktokzação.

Sendo a Tiktokzação um movimento relativamente recente que se intensificou com os anos de reclusão devido à Covid-19, e também a necessidade de adaptação comercial por parte de trabalhadores e jovens ingressantes no mercado de trabalho, é possível perceber uma ligação com características da sociedade positiva a qual as coisas, segundo BCH, agora transformadas em mercadorias, necessitam *ser expostas* para *serem*, todo o valor cultural acaba desaparecendo em favor do valor expositivo, então a existência das coisas acaba perdendo importância e se fazendo mais uma informação, conteúdo e imagem fugazes. O que ocorre constantemente nas várias publicações “tiktokzadas” que seguem as mesmas receitas de criação para conseguirem notoriedade.

Com a divulgação no perfil @Omalab o Instagram, sobre o caso da médica cirurgiã que teve sua conta no Tiktok suspensa por ter excedido os limites do “bom senso” ao ter feito uma publicação descontraída e informativa, apresentando o que para ela é apenas mais um dia comum de trabalho, porém, expondo um pedaço de carne humana com gordura que havia retirado de um paciente na publicação (figura1), pode se encaixar no que Byung-Chul Han traz em Sociedade da Transparência quando fala sobre o bombardeamento de imagens e informações, além da aceleração da caminhada rumo à desconstrução de tudo o que pode ser negativo. Já que, segundo o filósofo, a pressão para acelerar a desconstrução da negatividade faz com que a comunicação alcance sua velocidade máxima.

Onde o igual responde ao igual, onde ocorre uma *reação em cadeia do igual*. A negatividade da *alteridade e do que é alheio* ou a resistência do *outro* atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho. Essa coação sistêmica transforma a sociedade da transparência em sociedade uniformizada.<sup>56</sup>

<sup>54</sup> HAN, Byung Chul, Sociedade da transparência, Soc. positiva, 2016, p. 21 - 22.

<sup>55</sup> HAN, Byung Chul, Sociedade da transparência, Soc. da exposição, 2016, p. 25.

<sup>56</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da transparência, Soc. Positiva, 2016, p. 11.

Na sociedade da transparência, toda e qualquer distância se mostra como negatividade, devendo ser eliminada, pois impõe um empecilho ao aceleramento do circuito da comunicação e do capital.<sup>57</sup>

Talvez o ocorrido com a médica cirurgiã (figura 1) sobre ter sua conta suspensa e seu próprio exercício expositivo, se deva à abundância de informações e conteúdos que ocasionam a perda de juízo que o filósofo cita:

Está comprovado que uma maior quantidade de informações não leva necessariamente à tomada de decisões mais acertadas[9]. A intuição, por exemplo, transcende as informações disponíveis e segue sua própria lógica. Hoje, por causa da onda crescente e até massificante de informações, está se encolhendo cada vez mais a capacidade superior de juízo”<sup>58</sup>.

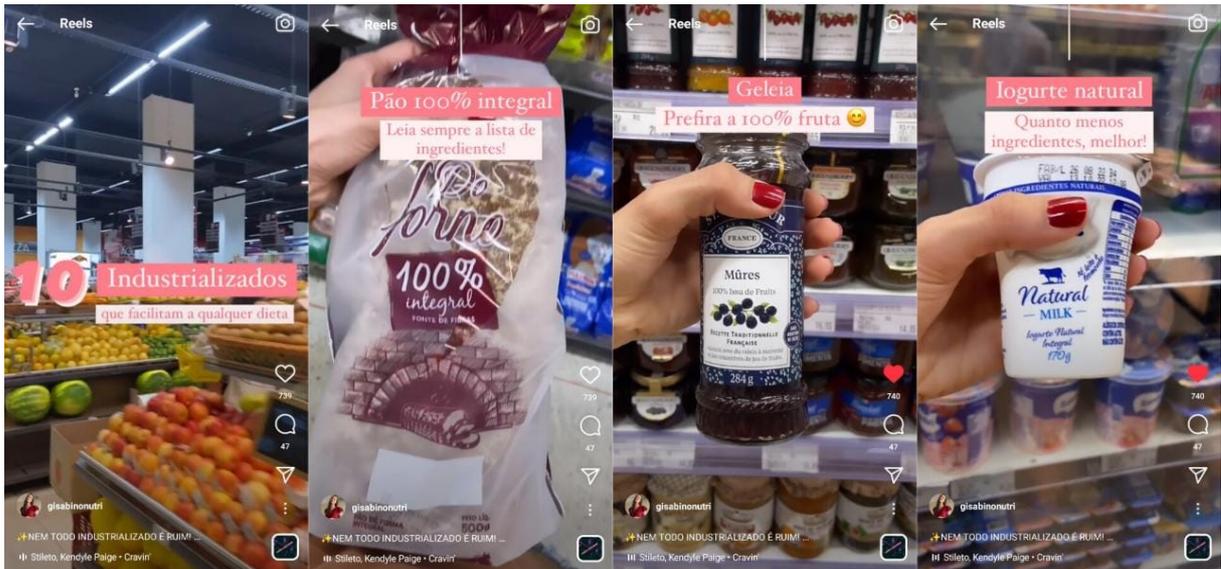
Ao vermos uma usuária exibindo seu trabalho e seu cotidiano tentando se adequar ao que a sociedade positiva pede nas redes sociais, é mais um caso de vários conteúdos postados tanto em Instagram, Tiktok, Facebook e Twitter que torna possível traçar uma ligação ao que o filósofo sul coreano nos alerta quando determinado indivíduo foge do padrão, do comum, quando ele excede as linhas do que foi estabelecido como aceitável, positivo, igual.

As problemáticas apontadas por Byung-Chul Han em Sociedade da Transparência podem ser vistas na prática quando manifestações nas redes sociais como estas em que um profissional acaba por comprimir seu nicho de conhecimento, ou às vezes boa parte de conteúdo de uma graduação, para caber em um vídeo de 30 segundos. Esse formato breve de divulgação da informação, seja pela adequação às *trends*, ou não, vem com o intuito de ser uma mensagem rápida, resumida, “mastigada” para gerar engajamento mais rápido aos usuários. Vejamos os exemplos retirados de vídeos do Instagram:

---

<sup>57</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da transparência, Soc. Positiva, 2016, p. 33.

<sup>58</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da transparência, Soc. Positiva, 2016, p. 15.



(Figura 13) “10 industrializados que facilitam a qualquer dieta”, arquivo pessoal. Reprodução/Instagram; Janeiro de 2023.



(Figura 14) “Alimentos que deixam sua pele oleosa e inflamada”, arquivo pessoal. Reprodução/Instagram; Janeiro de 2023.

Ao pensar um pouco criticamente sobre como os conhecimentos são passados por este formato, é possível notar a falta de um aprofundamento das informações, um porquê, faltam mais explicações e justificativas acerca do tema. Por que preferir comprar determinados alimentos a outros para a dieta (figura 13)? Quais e como os componentes presentes nos alimentos prejudicariam a saúde, no caso do segundo vídeo (figura 14)?

Mas quando os indivíduos abreviam o conhecimento e as informações, colaboram para que as pessoas trabalhem e aceitem cada vez mais não só a superficialidade de um assunto ou conhecimento, mas cooperam com a exclusão do que é distinto. Além de contribuir também com a manipulação das redes e a acentuação da citada “obscenidade” das informações, pelo filósofo: “a sociedade positiva é dominada pela transparência e obscenidade da informação em uma articulação tal, que já não há mais qualquer acontecimento. A coerção por transparência nivela o próprio ser humano a um elemento funcional de um sistema”<sup>59</sup>.

Como Chul Han também nos trouxe tanto em *Sociedade da Transparência*, quanto *No Enxame*: “o excesso de informação faz com que o pensamento defina [...] mais informação não leva necessariamente a melhores decisões. Justamente devido à crescente massa de informação a faculdade do juízo define hoje”<sup>60</sup>. Ao recebermos uma chuva de informações, nos acostumamos a exigir que nossas relações sejam cada vez mais aparelhadas com dados, Chul Han fala que esta busca por dados acaba por gerar desconfiança naqueles que não fornecem tais dados/informações. Portanto, a busca incessante pela transparência como verdade, tenderia a frustrar esta sociedade, já que:

Transparência e verdade não são idênticos. A verdade é uma negatividade na medida em que se põe e impõe, declarando tudo o mais como falso. Mais informação ou um acúmulo de informações, por si só, não produzem qualquer verdade; faltam-lhes direção, saber e o sentido. É precisamente em virtude da falta de negatividade do verdadeiro que se dá a proliferação e massificação do positivo. A hiperinformação e hipercomunicação gera precisamente a falta de verdade, sim, a falta de ser. Mais informação e mais comunicação não afastam a fundamental falta de precisão do todo. Pelo contrário, intensifica-a ainda mais<sup>61</sup>.

Esta necessidade de busca por dados e de exposição dos mesmos, retoma aqui por consequência também o caminho a uma exposição cada vez mais sem pudor e a perda de intimidade. Transformamos esta hipervisibilidade em obscenidade, à qual falta qualquer traço de negatividade do desconhecido, do inacessível e do mistério. E, Segundo Byung-Chul Han, obscenos são também todos os canais e meios rasos da hipercomunicação, livres de toda e qualquer negatividade da alteridade: “obscena é a coação de colocar tudo à mercê da

---

<sup>59</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da transparência*, Soc. Positiva, 2016, p. 11

<sup>60</sup> HAN, Byung-Chul, *No Enxame*, 2018, p. 61.

<sup>61</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da transparência*, Soc. Positiva, 2016, p. 22

comunicação ou da visibilidade. Obsceno é o pornográfico, colocar corpo e alma sob foco da visão”<sup>62</sup>.

A sociedade exposta é uma sociedade pornográfica; tudo está voltado para fora, desvelado, despido, desnudo, exposto. O excesso de exposição transforma tudo em mercadoria que “está à mercê da corrosão imediata, sem qualquer mistério”[23]. A economia capitalista submete tudo à coação expositiva, é só à encenação expositiva que gera valor, deixando de lado todo e qualquer crescimento próprio das coisas. Ela não desaparece no escuro, mas na superiluminação: “consideradas do ponto de vista geral, as coisas visíveis não acabam no escuro ou no silêncio, mas se volatizam naquilo que é mais visível do que o mais visível: a obscenidade”[24]”<sup>63</sup>.

## 2.2 MANIPULAÇÃO E CONTROLE NAS REDES SOCIAIS

A exigência, espera e pressão dos indivíduos nas redes sociais por mais informações, tanto em consumo quanto produção de conteúdo, fazem parte de um controle um pouco maior proporcionado pelo próprio mundo digital, no qual Byung-Chul Han ao dialogar com as ideias de Rousseau<sup>64</sup>, afirma:

O vento digital da comunicação e da informação penetra tudo e torna tudo transparente. Ele atua através da sociedade da transparência; mas a rede digital como medium da transparência não está submetida a um imperativo moral. É de certo modo desprovida de coração, que do ponto de vista da tradição foi um medium metafísico-teológico da verdade. A transparência digital não é cardiográfica, mas pornográfica, produzindo também panópticos<sup>65</sup> econômicos. Neles não se busca acentuar a moral do coração, mas maximizar lucros, chamar a atenção. A iluminação total promete, pois, uma exploração máxima<sup>66</sup>.

Portanto, é nesta exploração máxima do próprio usuário no consumo e produção de conteúdos virtuais que se estabelecem ferramentas do próprio mundo digital para controle de informações,

<sup>62</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da transparência*, Soc. Positiva, 2016, p. 30

<sup>63</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da transparência*, Soc. da exposição, 2016, p. 9.

<sup>64</sup> Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) foi um filósofo, escritor e compositor genebrino. Sua filosofia política influenciou o progresso do Iluminismo em toda a Europa, bem como aspectos da Revolução Francesa e o desenvolvimento do pensamento político, econômico e educacional moderno.

<sup>65</sup> Pan-óptico é um termo utilizado para designar uma penitenciária ideal, concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785, que permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados. É na sua forma geral, um edifício estruturado de forma a ter um ponto de observação central.

<sup>66</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da transparência*, Soc. do desencobrimento, 2016, p. 92.

como o uso de algoritmos<sup>67</sup> de relevância, que são programados para mostrar com prioridade o que pode ser mais relevante ao usuário, que caminhando ao lado da existência deste panóptico – especificamente falando do trabalho de Jeremy Bentham<sup>68</sup> e o pensamento de Michel Foucault<sup>69</sup> sobre a figura arquitetural idealizada por Bentham - citado pelo filósofo, são mecanismos que induzem, filtram, controlam e vigiam o que é consumido pelos indivíduos nas redes sociais. Com a hipervisibilidade dos conteúdos e a hipercomunicação, quando as pessoas visualizam algo, não param de fato para avaliar o que veem, não há questionamento, há apenas *likes*<sup>70</sup>, sem qualquer reflexão estética, como Chul Han pontua:

Hoje, a comunicação visual se realiza como contágio, ab-reação ou reflexo. Falta-lhe qualquer reflexão estética. Sua estetização é, em última instância, anestésica. Por exemplo, para o julgamento de gostar – I like (eu gosto) – não se faz necessário qualquer consideração mais vagarosa. As imagens preenchidas pelo valor expositivo não demonstram qualquer complexidade; são univocamente claras, pornográficas. Falta-lhes qualquer tipo de fragilidade que pudesse desencadear uma reflexão, um reconsiderar, um repensar. A complexidade retarda a velocidade da comunicação, e a hipercomunicação anestésica, para acelerar-se, reduz a complexidade<sup>71</sup>.

No trabalho de Byung-Chal Han o filósofo dialoga com a fala de Jean Baudrillard<sup>72</sup> em 1978 a respeito de estarmos: “vivenciando o fim do espaço perspectivístico<sup>73</sup> e do panóptico”<sup>74</sup>. O filósofo sul coreano diz que apesar de a rede digital não ser contemporânea a Baudrillard, hoje, em contraposição ao diagnóstico que ele havia feito de sua época, precisamos constatar que, atualmente não vivemos o final do panóptico, mas sim o início de um novo tipo de panóptico: aperspectivístico: “o panóptico digital do século XXI é aperspectivístico na medida em que não

<sup>67</sup> Em matemática e ciência da computação, um algoritmo é uma sequência finita de ações executáveis que visam obter uma solução para um determinado tipo de problema. São padronizados, não ambíguos, precisos, eficientes e corretos.

<sup>68</sup> Jeremy Bentham (1748 – 1766) foi filósofo, jurista e um dos últimos iluministas a propor a construção de um sistema de filosofia moral, não apenas formal e especulativa, mas com a preocupação radical de alcançar uma solução a prática exercida pela sociedade de sua época.

<sup>69</sup> Michel Foucault (1926 – 1984) foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France, de 1970 até 1984. Quanto ao projeto panóptico, acredita que a sociedade inteira porta o elemento panóptico-penitenciário, porque o fenômeno das prisões é maior que a reclusão de detentos. Acreditava tratar-se de uma dimensão geral de controle social, uma nova maneira de imposição do poder e vigilância.

<sup>70</sup> O "like" (“gostar” ou “curtir”) é um termo do inglês que, ligado ao mundo digital, significa curtir a foto ou o vídeo de alguém. Pode estar presente em diversas plataformas ou redes sociais, como uma ação de interação.

<sup>71</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da transparência*, Soc. da exposição, 2016, p. 32.

<sup>72</sup> Jean Baudrillard (1929 – 2007) foi um sociólogo e filósofo francês.

<sup>73</sup> Em epistemologia, perspectivismo é a visão filosófica que toda percepção e pensamento tem lugar a partir de uma perspectiva que é alterável.

<sup>74</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da transparência*, Soc. do Controle, p. 94. BAUDRILLARD, J. *Agonie des Realen*. Op. cit., p. 48.

é mais vigiado por um centro, não é mais supervisionado pela onipotência do olhar despótico”<sup>75</sup>. Então, a distinção que havia entre centro e periferia, essencial para o panóptico de Bentham, desapareceu, pois este panóptico digital que surge agora totalmente desprovido de qualquer ótica perspectivística, é o que compõe seu fator de eficiência, segundo Byung Chul Han: “se os presos do panóptico de Bentham têm ciência de estarem constantemente sendo observados por um vigia, ilusoriamente os habitantes do panóptico digital imaginam estar em total liberdade”<sup>76</sup>. A permeabilidade transparente aperspectivística é extremamente mais eficiente do que a supervisão perspectivística, já que é possível ser “iluminado” e tornar-se transparente a partir de todos os lugares, por cada um.



(Figura 15) Universo da Filosofia. O Panóptico, 24 de dezembro de 2017.

O panóptico de Bentham é um fenômeno da sociedade disciplinar, é uma instalação que visa o melhoramento. São submetidos ao controle do panóptico presídios, fábricas, hospícios, hospitais e escolas. São instituições típicas da sociedade disciplinar. As celas ordenadas uniformemente em torno da torre de controle estão rigorosamente isoladas umas das outras, de modo que os detentos não podem se comunicar entre si. As paredes que separam as celas são as responsáveis para que tampouco os detentos possam ver uns aos outros. Assim, eles são expostos à solidão em vista de um melhoramento, é o que afirma Bentham. O olhar do observador alcança cada canto da cela, enquanto que ele próprio permanece invisível para os presos: “A essência disso consiste, então, na centralidade da situação do inspetor, combinada com os conhecidos

<sup>75</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da transparência, Soc. do controle, 2016, p. 95.

<sup>76</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da transparência, Soc. do controle, 2016, p. 96.

e mais eficazes artifícios para ver sem ser visto. “Com o auxílio de técnicas refinadas cria-se a ilusão de uma vigilância permanente”<sup>77</sup>.

Ao contrário da população carcerária, que não possui comunicação mútua, ou pelo menos não deveria possuir de cela para cela, os habitantes digitais podem se ligar à rede que possui uma intensiva e extensa comunicação entre si. O que garante a transparência não é o isolamento, mas sim esta hipercomunicação. A singularidade do panóptico digital é essencialmente o fato de os próprios usuários em redes sociais contribuírem para este fenômeno, com sua edificação e manutenção, que conta com a colaboração dos próprios vigiados, dos próprios vigilantes. São os próprios indivíduos que ao se exporem, ao se fazerem transparentes na mídia, ao fornecerem detalhes de sua intimidade, se esforçarem para adaptar seus negócios, carreira e até seus corpos ao que é ditado por eles mesmos, enquanto munirmos as redes sociais com informações a nosso respeito, sobre gostos, rotina e interesses, a sociedade capitalista naturalmente tende a devolver neste meio digital aos usuários um produto personalizado, produto este que gere uma identificação com o consumidor, que se adequa ao que seja equivalente com os interesses deles, as necessidades deles. Toda essa livre exposição promovida pelas redes sociais e executada por nós, propicia o sacrifício espontâneo da nossa própria liberdade. Tal auto sabotagem pode ser explicada por Chul Han:

O expor pornográfico e o controle panóptico misturam-se entre si; o que alimenta o exibicionismo e o voyeurismo é a rede enquanto panóptico digital. Nesse sentido, a sociedade de controle chega a sua consumação ali onde o sujeito dessa sociedade não se desnuda por coação externa, mas a partir de uma necessidade gerada por si mesmo; onde, portanto, o medo de renunciar à sua esfera privada e íntima dá lugar à necessidade de se expor à vista sem qualquer pudor<sup>78</sup>.

Não bastasse os usuários das redes armarem inconscientemente contra a própria liberdade, este feito é obtido pela coação do sujeito a si mesmo, para obter realizações, para ser produtivo, para que em momento algum ele se desvie do caminho do sucesso, ou do que ao menos é ditado como sucesso. A sociedade da transparência segue a mesma lógica que a sociedade do desempenho, a qual o sujeito do desempenho é um indivíduo livre do domínio externo que pode o obrigar e o explorar no trabalho, mas a falta de tal domínio não o leva a uma real liberdade nem falta de coação, já que este sujeito também se auto explora, ou seja, o sujeito que explora, é concomitantemente o sujeito explorado.

---

<sup>77</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da transparência, Soc. do controle*, 2016, p. 96.

<sup>78</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da Transparência, Soc. do Controle*, 2016, p. 97.

### 2.3 AS CONSEQUÊNCIAS PRESENTES NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

A auto exploração e o desgaste que temos na atualidade, onde a velocidade do compartilhamento de informações e o esgotamento pessoal tomam conta, dialogam com outra obra de Byung-Chul Han, *Sociedade do Cansaço*, a qual temos um outro clareamento das consequências desta sociedade midiática em que as pessoas imersas nos fenômenos digitais como a Tiktokzação, se colocam como “sujeitos do desempenho”. Estes sujeitos do desempenho atuam como empresários de si mesmos e passam a viver do sentimento de liberdade e autonomia que conquistam com o mundo digital para operarem em prol da criatividade, desempenho, flexibilidade, inovações e iniciativas individuais, mas consequentemente se expõem a um ambiente patológico de neuroses, também pautadas pela positividade excessiva, a necessidade de não falha e a obsessão pela eficácia que leva os indivíduos cada vez mais perto de um colapso, por este excesso de desgaste e exploração de seus recursos tanto físicos quanto mentais.

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho [13]. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal<sup>79</sup>.

De acordo com Chul Han, todas as características e condutas de autoexploração valorizadas pelo mercado, voltadas para a produção capitalista contemporânea que constituem o paradigma de produção atual, submetem a existência do indivíduo a novas coações, por isso, o sujeito de desempenho pós-moderno não está submisso a ninguém, a não ser a si próprio. A coação de desempenho força o indivíduo a produzir mais sem nunca alcançar um ponto de repouso, vivem constantemente num sentimento de carência e de culpa, o qual procura concorrer consigo

---

<sup>79</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade do Cansaço*. Cap. 2 Além da sociedade disciplinar, 2015, p. 16 – 17.

mesmo até esmorecer ou adoecer por um colapso psíquico, como o *Burnout*<sup>80</sup> e a Depressão<sup>81</sup> exemplificados por Chul Han: “o que torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho”<sup>82</sup>.

---

<sup>80</sup> A síndrome de Burnout, ou síndrome do esgotamento profissional, é um distúrbio psíquico descrito em 1974 por Freudenberger, um médico americano. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-burnout-esgotamento-profissional/>

<sup>81</sup> Distúrbio mental caracterizado por depressão persistente ou perda de interesse em atividades, prejudicando significativamente o dia a dia.

<sup>82</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade do Cansaço, Além da sociedade disciplinar*, 2015, p. 16.

## CAPÍTULO 3 - CONSEQUÊNCIAS DO COMPORTAMENTO NAS REDES SOCIAIS À IMAGEM E PERCEPÇÃO

### 3.1 O USO DO CORPO: DA PERFORMANCE AO POLIMENTO

Compreendendo que as pessoas ao serem coagidas pela Sociedade da Transparência, inseridas numa Sociedade Positiva que uniformiza os indivíduos, tornando-os semelhantes uns aos outros e os colocando em bolhas de conteúdos digitais que os afastam da alteridade, como Byung-Chul Han coloca, há nas redes sociais certa performance por parte destas pessoas. Os habitantes do mundo digital, quando na autoexploração citada no capítulo anterior, se colocam quase numa nova função de “ator”, acabam por performar não somente em coreografias que viralizam nas redes sociais, ou *trends*, mas performatizam também uma imagem, face, corpo e até vida que nem sempre condiz com a realidade. Essa “performance” pode ser alcançada e elucidada melhor pelo filósofo quando traz a coação expositiva “como guia até a alienação do próprio corpo, que o coisifica e o transforma em objeto expositivo que deve ser otimizado”<sup>83</sup>.

Já não é possível morar no próprio corpo, sendo necessário, então, expô-lo e, assim, explorá-lo. Exposição é exploração, e seu imperativo aniquila o próprio morar. Quando o próprio mundo se transforma em espaço de exposição, já não é possível o habitar, que cede lugar à propaganda, com o objetivo de incrementar o capital da atenção do público<sup>84</sup>.

Esta coação por exposição não nos conduz somente a uma valoração que depende sobretudo da bela aparência, apesar de gerar uma coação por beleza e por uma vida *fitness*<sup>85</sup>, como diz BCH, a “operação beleza” teria como objetivo maximizar o valor expositivo, mas também toma dos indivíduos a própria face, já não é possível *ser* sua própria face. Então o problema maior neste raciocínio não seria o aumento das imagens em si, mas a coação icônica, para que absolutamente tudo vire um produto: imagem.

Ainda sobre a exploração do corpo dos indivíduos, Chul Han dialoga novamente com Rousseau trazendo comparações entre características do teatro no século XVIII em que o corpo também era lugar e ferramenta de representação cênica, quando se criavam ilusões e brincadeiras com a aparência, os rostos, o corpo. O teatro para Rousseau seria uma “arte de dissimular-se, adotar

<sup>83</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da Transparência, Soc. da Exposição, 2016, p. 30.

<sup>84</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da Transparência, 2016, p. 30.

<sup>85</sup> Fitness é uma palavra de origem inglesa e significa "estar em boa forma física". O termo é normalmente associado à prática de atividade física e se refere ao bom condicionamento físico ou bem-estar físico e mental.

um caráter diferente do seu, mostrar-se diferente do que se é, dizer algo diferente daquilo que se pensa e isso, naturalmente, como se realmente pensasse tal coisa, e por fim, acabar esquecendo totalmente sua própria situação, transferindo-se para a situação de um outro”<sup>86</sup>, apesar de o filósofo genebrino propor uma mudança de paradigma quanto a “transparência”, a qual ele exige uma “abertura do coração, em virtude de que todos os sentimentos, e pensamentos se tornem comuns, de tal modo que cada um, na medida em que assim se sente, se mostra a todos como ele é”<sup>87</sup>, ou seja, ele convida a todos que tenham seus corações “transparentes” a fim de que não seja possível esconder nada do que se passa nele, para que cada emoção que surja seja comunicada e partilhada com os olhos e com seu rosto. Então, esta expressão, a performance, não poderia ser uma pose, e sim um reflexo do que se passa no coração. Porém, apesar de o teatro do século XVIII para Rousseau não ser lugar de transparência, sua definição poderia caber bem correlacionada ao mundo digital que há hoje, já que a transparência que há nele “não é cardiográfica, mas pornográfica”<sup>88</sup>, o qual além de gerar panópticos econômicos, não se busca acentuar a moral do coração e sim chamar a atenção para maximizar os lucros.

Atualmente, hoje o mundo não pode ser reconhecido como um teatro onde são trabalhadas, representadas e lidas somente ações e sentimentos, e sim como um mercado expositivo em que se comercializa e se consome intimidades. Para BCH: “O teatro é um lugar de representação, enquanto o mercado é um lugar de exposição. Assim, atualmente a representação teatral dá lugar à exposição pornográfica”<sup>89</sup>.

Ao abordar o conceito de sociedade pornográfica no capítulo anterior, Chul Han afirma que a verdadeira beleza não deve ser desvelada, que o rosto desnudo, desprovido de mistério, sem véus, tornado transparente e reduzido à sua exposição é uma face pornográfica que se enche de valor expositivo, perdendo seu “encanto”. Então é exatamente onde desaparece o mistério em prol da exposição e do desnudamento que surge a pornografia, caracterizada por uma positividade penetrante. O pornográfico não se torna atrativo justamente por não haver certa distância entre realidade, imagem e observador, onde caberia uma sedução, o mistério e curiosidade do que se mostra e está “velado”.

---

<sup>86</sup> ROUSSEAU, J.-J. Brief an Herrn d’Alembert – Über seinen Artikel “Genf” im VII. Band der Enzyklopädie und insbesondere über den Plan, ein Schauspielhaus in dieser Stadt zu errichten. Apud ROUSSEAU, J.-J. Schriften. Op. cit., vol. 1, p. 333-474, aqui p. 414.

<sup>87</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da Transparência, 2016, p. 90, apud “ROUSSEAU, J.-J. Brief an Herrn d’Alembert – Über seinen Artikel “Genf” im VII. Band der Enzyklopädie und insbesondere über den Plan, ein Schauspielhaus in dieser Stadt zu errichten. Apud ROUSSEAU, J.-J. Schriften. Op. cit., vol. 1, p. 333-474, aqui p. 414.

<sup>88</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da Transparência, Soc. do desencobrimento, 2016, p. 92.

<sup>89</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da Transparência, Soc. de intimidade, 2016, p. 73.

Frente às imagens pornográficas, ao contrário, as pessoas não se detêm nem demoram. Essas imagens são estridentes, agudas, porque estão expostas; faltalhes, inclusive, a amplidão temporal. Elas não admitem qualquer recordação, servindo apenas para excitação e satisfação imediata. [...] as imagens pornográficas, desculturalizadas, não apresentam nada que possa ser lido<sup>90</sup>.

A falta desta “distância” que torna as imagens transparentes, quando as despojamos de qualquer dramaturgia, coreografia ou cena, este contato imediato entre imagem e olho, sem uma incitação à reflexão ou incômodo, é o que as torna pornográficas. Neste contexto, apesar de os rostos desprovidos de mistério também tornarem-se transparentes, não falo aqui já do uso de uma máscara, ou realização de performance, para esconder a intimidade, isso seria para Chul Han uma proteção ao igual, à exposição comum, mas falo de um exercício expositivo das pessoas se adequarem a um “padrão” que não o de sua própria essência, como ocorre com o uso dos “filtros” para fotos nas redes sociais que conversa com os conceitos trazidos por Byung-Chul em *A Salvação do Belo*.

Dentre as reflexões que Byung-Chul traz em *A salvação do Belo*, uma delas diz respeito ao *Polido*, que seria um conceito para representar a atração e o efeito estético que os indivíduos de hoje sentem, por ele simplesmente incarnar a atual sociedade positiva, já que o que é polido, liso e impecável, não dói, não carrega negatividade alguma, anula qualquer “confronto” do observador com a imagem.

Para exemplificar este conceito, temos o trabalho do artista Jeff Koons<sup>91</sup>, que fez sucesso com suas obras de superfícies polidas, ou como afirma o filósofo sul coreano.

Em Jeff Koons não há qualquer desastre, vulneração, quebra ou brecha, do mesmo modo que não há qualquer costura. Tudo flui em transições suaves e polidas. Tudo acaba por ser arredondado, polido brunido. A arte de Jeff Koons é uma arte das superfícies polidas e impecáveis e de efeito imediato. Nada dá a interpretar, a desconfiar ou a pensar. É uma arte do *like*<sup>92</sup>.

Perante a arte de Jeff não é necessário emitir juízo, nem interpretação, hermenêutica, pensamento ou reflexão. Para o artista, “a única coisa que o observador de suas obras deve fazer é emitir um simples ‘uau!’ [...] o polido transmite somente uma sensação agradável à qual não é possível associar sentido ou profundidade alguma: esgota-se no ‘Uau!’”<sup>93</sup>. Ela se correlaciona

<sup>90</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da Transparência*, 2016, p. 59 – 60.

<sup>91</sup> Jeffrey "Jeff" Koons (1955-) é um artista e escultor estadunidense.

<sup>92</sup> HAN, Byung-Chul, *A salvação do Belo*, 2019, p. 12

<sup>93</sup> HAN, Byung-Chul, *A Salvação do Belo*, 2019, p. 12 – 13.

limitadamente ao banal, infantil, sem comover, ferir, assustar ou inquietar o observador, mas enquanto suas esculturas polidas estimulam o observador a anular a distância, “ao tátil ou ao *touch*<sup>94</sup>”<sup>95</sup>, o juízo estético pede sim uma distância contemplativa, mas esta arte do liso e polido a elimina. A vista teria o poder de manter a distância, enquanto o tato a exclui, sem a distância não há “mística”. O tato destrói a negatividade do que é completamente diferente. Ao contrário do sentido da vista, o tato impossibilita o espanto. E é por isso que o monitor tátil, as telas, de aparelhos celulares hoje em dia, polidas, o *touch-screen*<sup>96</sup>, é um exemplo claro de algo desmistificador, de consumo total, que gera aquilo que cada indivíduo *gosta*.



(Figura 16) KOONS, Jeff, Balloon Venus. Em aço inoxidável polido espelhado com revestimento de cor transparente. 2008-2012.

<sup>94</sup> *Touch* traduzido do inglês: “toque”; “tato”.

<sup>95</sup> HAN, Byung-Chul, *A Salvação do Belo*, 2019, p. 13.

<sup>96</sup> Touch-Screen é um ecrã tátil ou tela sensível ao toque é um tipo de ecrã sensível à pressão, dispensando, assim, a necessidade de outro periférico de entrada de dados, como o teclado. Funciona também como filtro para as radiações do monitor e elimina a eletricidade estática.

A arte de Jeff Koons oficia uma sacralização do polido e do impecável. Encena uma religião do polido, do banal, e além disso, uma religião do consumo, sendo o preço que toda a negatividade deverá ser eliminada. O polido e o liso tem intenção diferente da obra de arte, o objetivo é moldar-se ao observador. Suscita-lhe um *Gosto*. Tudo o que quer não é derrubar, mas agradar.

Hoje, o próprio belo acaba por ser amaciado quando se lhe retira toda a negatividade, toda a forma de comoção e de vulneração. O belo esgota-se no *Gosto*. A estetização revela-se uma “anestetização”. Seda a percepção<sup>97</sup>.



(Figura 17) KOONS, Jeff, Ballon Dog. Em aço inoxidável polido espelhado com revestimento de cor transparente. Registro de 14 de maio de 2013.

Retomando a ideia de performance e adequação dos indivíduos do mundo digital a determinados comportamentos advindos de uma sociedade positiva e casando-os com as intenções e feitos do polido, é possível trazer aqui uma aplicação dos conceitos de liso/polido

---

<sup>97</sup> HAN, Byung-Chul, A Salvação do Belo, 2019, p. 16.

às redes sociais, já que eles, por possuírem intenções completamente diferentes de uma obra de arte, que são abalar o espectador dentro de suas próprias observações, contemplações e reflexões, os conteúdos “polidos” moldam-se ao observador, suscitam-lhes o gosto por um *like*, agradam.

Tais características da preferência e contemplação às superfícies lisas, uniformes, polidas e homogêneas está presente em hábitos digitais de exposição nas redes sociais, quando trazem indivíduos “performando” rostos lisos, impecáveis, peles sem espinhas, sem linhas de expressão, sem manchas, sem marcas ou cicatrizes, uniformes e polidas. Essa ação de se aplicar uma “máscara”, filtros digitais que corrigem os tons, somem com as manchas, lhe aplicam uma maquiagem, ou façam até lhe alterem a cor dos olhos, não é uma proteção da intimidade nem vai contra a sociedade transparente, trata-se apenas de mais uma atividade expositiva, porém, dentro dos parâmetros de uma sociedade positiva.



(Figura 18) Viviane Araújo (foto: Reprodução/Instagram), Redação Vogue. 07 de abril de 2021.

Além de a *selfie*<sup>98</sup> por si só já provocar um esvaziamento e inexpressão do rosto das pessoas, como diz BCH, o uso de filtros contribui para a dependência aditiva do *selfie*, conduz os indivíduos um vazio interior do *eu*. Este *eu*, atualmente, carece de formas de expressão estáveis, que lhe garantissem uma identidade firme, mas hoje para BCH, nada possui consistência e é ela que “repercurte-se no eu, desestabilizando-o e tornando-o inseguro”<sup>99</sup>. A primeiro momento, o rosto é “amaciado” até se transformar em “face”. Esta face não possui profundidade, não há planos mais baixos, é precisamente lisa, carecendo de interioridade, mas não é somente o rosto que entra em conflito num mundo digital.

O corpo encontra-se hoje em crise. Desintegra-se não só em partes corporais pornográficas, mas também em séries de dados digitais. A fê na mensurabilidade e na quantificabilidade da vida domina a época digital ao seu conjunto. É também essa fê que o movimento *Quantified Self*<sup>100</sup> aclama. Equipa-se o corpo de sensores digitais que registram todos os dados que se referem à corporalidade. Os dados recolhidos são também postos em rede e trocados. O *Dataísmo*<sup>101</sup> dissolve o corpo em dados, torna-o conforme aos dados [...] O corpo transparente deixou de ser o cenário narrativo do imaginário. É antes uma agregação de dados ou de objetos parciais<sup>102</sup>.

Já de há muito que o “semblante humano, com seu valor cultural, desapareceu da fotografia. Na era do Facebook e do Photoshop o ‘semblante humano’ se transformou em face, que se esgota totalmente em seu valor expositivo. A face é o rosto exposto sem qualquer ‘áurea da visão’”<sup>103</sup> É a forma de mercadoria do “semblante humano”. A face como superfície é mais transparente do que aquele rosto ou semblante que representa para Emmanuel Lévinas o lugar excepcional no qual irrompe a transcendência do outro. A transparência é uma contrafigura da transcendência, e a face habita a imanência do igual<sup>104</sup>.

<sup>98</sup> *Selfie* ou autofoto é uma fotografia, geralmente digital, que uma pessoa tira de si mesma. As selfies que envolvem várias pessoas fotografadas são conhecidas como "selfies em grupo". A palavra vem da adição ao substantivo *self* do sufixo *-ie*, resultando "euzinho".

<sup>99</sup> HAN, Byung-Chul, *A Salvação do Belo*, O corpo liso, 2019, p. 24.

<sup>100</sup> Traduzido do inglês: o *Self Quantificado* refere-se tanto ao fenômeno cultural de auto-rastreamento com tecnologia quanto a uma comunidade de usuários e fabricantes de ferramentas de auto-rastreamento que compartilham um interesse pelo "autoconhecimento através dos números".

<sup>101</sup> *Dataísmo* é um termo que tem sido utilizado para descrever o modo de pensar ou filosofia criada pela emergente importância da *Big Data*. Foi utilizado pela primeira vez por David Brooks, do *New York Times*, em 2013.

<sup>102</sup> HAN, Byung-Chul, *A Salvação do Belo*, 2019, p. 25.

<sup>103</sup> BAUDRILLARD, J. *Die fatalen Strategien*. Op. cit., p. 71.

<sup>104</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da Transparência*, 2016, p. 27.

### 3.2 PERDA DA AURA NAS IMAGENS

Como nas leituras de Chul Han a existência das coisas perde importância em vista do valor expositivo, tudo o que carece de demora e contemplação passou a não ter mais valor, só adquirindo algum valor se for visto. A coação proporcionada pela exposição que dispõe tudo em favor da visibilidade, faz sumir a *aura*<sup>105</sup> enquanto manifestação de uma certa distância.

No pensamento de Byung-Chul Han referente à aura, há uma alusão à filosofia de Walter Benjamin<sup>106</sup> sobre o “valor cultural” das imagens quando ele diz que as obras de arte possuem uma aura, ele associa ao processo fotográfico de antigamente comparando com as fotos hoje em dia.

Benjamin aponta, de um lado, que na fotografia o valor expositivo rechaça completamente o valor de culto. Por outro lado, ele observa que o valor cultural não se retira sem oferecer resistência, mas arma uma última trincheira, que seria o “rosto humano”. Assim, não é por acaso que o portrait ocupa o ponto central da fotografia primitiva. No “culto da memória aos entes queridos distantes ou falecidos”, o valor cultural da imagem teria ainda seu “último refúgio”[18]. Na “expressão fugidia de um rosto humano” ainda se veria um aceno da aura a partir da fotografia primitiva. Seria isso que perfazia a “beleza pesada e incomparável”. Mas onde o ser humano se ausentou da fotografia, ali começou a aparecer o valor expositivo no lugar do valor cultural<sup>107</sup>.

Segundo Chul Han: “a fotografia de hoje, totalmente tomada pelo valor expositivo, mostra uma outra temporalidade. Está determinada pela atualidade sem negatividade, sem destino, que não admite nenhuma tensão narrativa, nenhuma dramaticidade de ‘romance’”<sup>108</sup>. Trata-se de uma fotografia distante da negatividade, sem nascimento, sem morte, sem destino e sem evento. A este tipo de fotografia transparente lhe falta um “adensamento semântico e temporal”<sup>109</sup>. Então, a aura reside também na singularidade, no prazer da execução e processos de concepção vagarosos, no exercício do olhar na demora da observação e contemplação da obra ou imagem, aí está a aura.

É possível compreender então que quando se há meios técnicos para reprodução de obras e imagens de modo massivo, sem a o labor prazeroso de conceber a obra/imagem e de observá-las num estado contemplativo, a aura se perde, e mesmo que hajam artistas dispostos neste

<sup>105</sup> Aura é relativa ao campo energético que envolve todo o corpo humano, e cuja cor e formato poderiam trazer informações sobre o estado físico e mental da pessoa. Também pode ser a atmosfera imaterial que envolve algo, num sentido figurado.

<sup>106</sup> Walter Benedix Schönflies Benjamin (1892 – 1940) foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem.

<sup>107</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da Transparência, Soc. da exposição, 2016, p. 26.

<sup>108</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da Transparência, Soc. da exposição, 2016, p. 28 - 29.

<sup>109</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da Transparência, Soc. da exposição, 2016, p. 28.

mundo digital produzindo obras de arte que mantêm seu valor cultural pela simples existência e não à sua exposição, preservando a singularidade e resistindo à produção em massa, ainda haverá uma forte corrente digital que os leve a oferecer o que as pessoas tem o desejo de comprar, o que as atrai ao consumo pela exposição.

Não que a adequação do trabalho de artistas e demais profissionais às redes sociais seja elaborada de qualquer forma, sem estratégia ou capricho na elaboração de vídeos ou publicações, há sim certo trabalho, mas diante da quantidade massificante de produção e propagação desses conteúdos, é possível notar de acordo com as falas de Chul Han e Benjamin, que a aura das pessoas se perde também com a exposição pública, não há encanto, mistério ou questionamento diante do que se é informado e mostrado sem acanhamento.

Para exemplificar essa “exigência digital” pela produção em massa de conteúdo, que acelera o sistema de consumo de imagens nas redes sociais, é comum vermos postagens nas próprias plataformas ensinando inclusive como se inserir e aperfeiçoar sua produtividade nas redes (Figura 14), como adequar seus assuntos de acordo com a frequência de postagens, sem prejudicar seus índices de popularidade ou engajamento.



(Figura 19) Arquivo pessoal. Reprodução Instagram, 20 de janeiro de 2023.

### 3.3 PREJUÍZO PARA A CONTEMPLAÇÃO DAS IMAGENS

Dentro dos prejuízos oferecidos pela vida digital à atualidade, não há somente a perda da aura nas imagens pela falta do “distanciamento”: “a falta de distância torna a percepção tátil e palpável, sendo que a taticidade significa um contato sem toque, um ‘entrechoque de olho e imagem’ pele a pele”<sup>110</sup>. Pela falta dessa distância, não é possível uma consideração nem contemplação, a percepção tátil seria o fim do olhar, essa falta elimina a proximidade repleta de espaço, não é possível simplesmente se demorar observando uma imagem, seja de um post publicitário, um retrato, foto de paisagem ou até mesmo uma obra posta em algum perfil de rede social. Sabemos que seguindo a “programação” exemplificada na figura anterior, com o alto número de postagens e conteúdos despejados nas plataformas, sempre haverá diversos novos posts com temas semelhantes, se não no mesmo dia, muito em breve.

Este excesso de estímulos, informações e impulsos de conteúdo que os indivíduos recebem nas redes, caem no campo da “hiperatenção”, ou seja, uma ação exigida pelo meio digital, e aplicada de forma acelerada, em diversos focos de maneira rasa, prejudica o desempenho cultural da sociedade, não possibilita o ser humano a crescer, criar, inovar, desenvolver algo novo a partir do “tédio”, se pôr em movimento mesmo realizando multitarefas. Para Walter Benjamin, o tédio seria “um pano cinza quente, forrado por dentro com o mais incandescente e o mais colorido revestimento de seda que já existiu”<sup>111</sup>, mas como a vida acelerada acentuada pelas redes, o “descanso” se perderia.

Os desempenhos culturais da humanidade, dos quais faz parte também a filosofia, devem-se a uma atenção profunda, contemplativa. A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção. Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos<sup>112</sup>.

Somente uma atenção profunda baseada no repouso, no descanso do olhar, seria capaz de interligar a instabilidade visual que as pessoas adquirem com o consumo de várias imagens e temas todos os dias nas redes sociais, a fim de gerar um recolhimento contemplativo, pois sem

---

<sup>110</sup> HAN, Byung-Chul, Sociedade da transparência, Soc. da Exposição, 2016, p. 33.

<sup>111</sup> HAN, Byung-Chul, A Salvação do Belo, 2019, p. 19, apud BENJAMIN, Passagem-Werk-Gesammelte Schriften. Vol.V/1. Frankfurt a.M., 1982, p. 161.

<sup>112</sup> HAN, Byung-Chul, A salvação do Belo, 2019, p. 19.

ele, os olhos e a atenção dos indivíduos ficariam “passeando” por imagens, obras e um *feed*<sup>113</sup> repleto de conteúdos, sem trazer nada além do igual, sem manifestar nada singular, original ou provocativo. Chul Han, em *Sociedade do Cansaço*, exemplifica essa condição usando o posicionamento de Nietzsche:

O próprio Nietzsche, que substituiu o ser pela vontade, sabe que a vida humana finda numa hiperatividade mortal se dela for expulso todo elemento contemplativo: “Por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo”<sup>114</sup>.

Devemos aprender a ler, devemos aprender a pensar, devemos aprender a falar e a escrever. A meta desse aprendizado seria a “cultura distinta”. Aprender a ver significa “habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar aproximar-se de si”, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento. Esse aprender a ver seria a “primeira pré-escolarização para o caráter do espírito”<sup>115</sup>.

Byung-Chul Han nos diz que é preciso aprender a não reagir de imediato a qualquer estímulo. Caso o indivíduo reaja impulsivamente, fica claro a ausência de espírito e de cultura, pois ele apresentaria uma inabilidade e decadência que o guiam aos instintos limitativos do ser, seria identificado um sintoma de esgotamento, resultando num ser infértil de pensamentos e inovações. Portanto, a vida de “multitarefa” e a intensificação da “hiperatenção” e “hiperatividade” acaba se convertendo numa vida “hiperpassiva” na qual se dá abertura a qualquer estímulo e impulso. Temos, novamente, ao invés de liberdade, novas coerções. “É uma ilusão acreditar que quanto mais ativos os tornamos, tanto mais livres seríamos”<sup>116</sup>.

### 3.4 PREJUÍZO NO RECONHECIMENTO DO BELO NAS IMAGENS

Com o excesso de estímulos visuais, a concepção de belo também sai prejudicada. O risco de um indivíduo agir de acordo com a sociedade transparente, expondo e explorando seu trabalho, corpo e até uma peça de arte ou obra produzida, é que o belo acaba se anulando no mundo

<sup>113</sup> **Feed** é um fluxo de conteúdo que você pode percorrer. O conteúdo é mostrado em blocos de aparência semelhante que se repetem um após o outro.

<sup>114</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da transparência*, Soc. positiva, 2016, p. 21, apud NIETZSCHE, F, *Menschliches, Allzumenschliches I – Kritische Gesamtausgabe*, 4 seção, vol. 2. Berlim, 1967, p. 236.

<sup>115</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade do Cansaço*, 2015, p. 28

<sup>116</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade do Cansaço*, *Pedagogia do ver*, 2015, p. 28.

digital. O belo por si só não emite estímulo algum, como diz Chul Han: “é antes uma forma estética, ao contrário do atual regime estético, pelo contrário, produzem-se muitos estímulos, é neste campo de estímulos que o belo desaparece”<sup>117</sup>, já que este campo não permite qualquer distância contemplativa em relação à imagem, sendo totalmente entregue ao consumo.

No momento em que uma obra de arte se expõe, ela perde seu valor de culto. O valor expositivo acaba com o valor de culto, por isso a obra é um “lugar que gesta, recebe e incarna o acontecimento”<sup>118</sup>.

Enquanto acontecimento da verdade, o belo é generativo, fecundante e ainda, por fim, poetizante. Dá a ver. É esse dom o belo. O belo não é a obra enquanto produto, mas o sobressair da verdade que resplandece. O belo transcende, do mesmo modo, a complacência desinteressada.

Hoje o belo é despojado de qualquer consagração. Deixou de ser um acontecimento da verdade. [...] encontramos-lo dado tão-só como objeto do agrado imediato.

O belo não é alguma coisa que se limite a agradar. O belo é, por excelência, o vinculativo, o normativo, o que dá a medida. Eros é a aspiração ao que vincula. A fidelidade e o que vincula implicam-se mutuamente. O que vincula exige fidelidade. A fidelidade pressupõe o que vincula. A fidelidade é incondicional. É nisso que consiste a sua metafísica – mas ainda, a sua transcendência. A estetização crescente da quotidianidade é justamente o que torna impossível a experiência do belo como experiência do que vincula. A estetização em causa é gerada unicamente nos objetos que suscitam um agrado passageiro<sup>119</sup>.

Byung-Chul diz que essa volatilidade não afeta somente os mercados financeiros, mas sim toda a sociedade, já que nada possui consistência nem duração. Nesses tempos atuais de interconexão e comunicação variáveis, o filósofo sul coreano compara o “solo digital” a um mar “onde não podem inscrever-se linhas nem marcas fixas”<sup>120</sup>. Hoje, tanto as imagens quanto a comunicação, as interações, as *trends* e publicações, fenômenos e movimentos digitais são escorregadios, não é possível edificar sobre os mesmos.

Ao nos abalarmos diante de uma obra, considerando a arte um “campo de eco onde me certifico de mim mesmo e da minha existência”<sup>121</sup>, deixamos de lado um aprazimento de vida para vivermos uma experiência que apresenta a nós nossa própria finitude, tal abalo que se opõe ao olhar comum à imagem, não é um momento de libertação particular do *eu*, trata-se mais de um instante de destruição do *eu* que vive um momento de introspecção se conscientizando do próprio aprisionamento e finitude. Em contrapartida, a temporalidade do belo no digital é o

<sup>117</sup> HAN, Byung-Chul, A salvação do belo, 2019, p. 59.

<sup>118</sup> HAN, Byung-Chul, A salvação do belo, 2019, p. 43.

<sup>119</sup> HAN, Byung-Chul, A salvação do belo, 2019, p. 97.

<sup>120</sup> HAN, Byung-Chul, A salvação do belo, 2019, p. 63.

<sup>121</sup> HAN, Byung-Chul, A salvação do belo, 2019, p. 5.

presente imediato, sem futuro, sem história ou passado, a alteridade deixa de existir novamente e abre espaço para a diversidade, desde que seja “consumível” e “aproveitável”, promovendo mais ainda uma sociedade interligada numa interioridade digital que esvazie o indivíduo contemporâneo, os habitantes digitais se encontram apenas em si mesmos.

O belo digital proscree toda a negatividade do não-idêntico. Tolerar apenas *diferenças* consumíveis e aproveitáveis. A *alteridade* cede passagem à diversidade. O mundo digitalizado é um mundo que, por assim dizer, os homens coseram com a sua própria retina. É um mundo humanamente interconectado que leva a que cada um esteja continuamente a olhar a si mesmo. Quanto mais densa é tecida a rede, mais radicalmente se blinda o mundo perante o outro e o lado de fora. A retina digital transforma o mundo num ecrã de imagens e de controle. Nesse espaço de visão autoerótico, nessa interioridade digital, não é possível qualquer espanto. Os homens já só encontram agrado em si mesmos<sup>122</sup>.

É um equívoco esperar pelo belo como uma satisfação imediata, a hipercomunicação transparente torna-se obscena tal qual as ab-reações e reações, imediatas. No belo, o “brilho” não é instantâneo, o estímulo não é imediato, o que o compõe é o pós-luzir silencioso, a sequência veloz de acontecimentos e impulsos não diz respeito ao trabalho do tempo no belo, segundo Byung-Chul Han: “assim, a beleza é um retardatário; só posteriormente é que as coisas revelam sua essência perfumosa do belo, que consiste de estratificações e sedimentações temporais que vão fosforescendo. A transparência não fosforesce”<sup>123</sup>.

---

<sup>122</sup> HAN, Byung-Chul, *A salvação do belo*, 2019, p. 38.

<sup>123</sup> HAN, Byung-Chul, *Sociedade da transparência, Soc. Da Aceleração*, 2016, p. 70.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa desenvolvida, é possível perceber que as obras de Byung-Chul Han dialogam entre si, se amarrando e correlacionando em novos questionamentos e conceitos que facilitam uma análise da sociedade atual, principalmente no que diz respeito ao mundo digital. Munida com estes conceitos desenvolvidos ao longo do trabalho, é possível aplicá-los aos fenômenos digitais, reconhecer as problemáticas comportamentais e apontar o alerta, a atenção, que é preciso dispor ao se ter contato com uma imagem para não se render à sociedade que evita a negatividade.

Esse trabalho permite compreender que não é interessante para as obras, imagens, conteúdos ou informações, se perderem fugazmente num mar de hipercomunicações, onde não há tempo suficiente, não há distância contemplativa, não há espectador que se detenha suficientemente à imagem. Em meio aos os prejuízos expostos à produção e consumo de imagens, fica nítida a necessidade da negatividade da alteridade, ela se faz essencial não só para um recorte digital, mas para as demais manifestações de arte, seja na literatura, fotografia, artes gráficas, entre outras.

Fica claro também nesse trabalho que a superexposição dos usuários das redes e das imagens midiáticas, pode sufocar a fantasia e o mistério entorno das mesmas, uma vez que sobrevivem com a singularidade, a aura. Porém, tudo torna-se transparente quando se abandona tal singularidade, o preço das coisas passa a ser valorado pela exposição. E o fato de haver tanta exposição, tanta transparência, de maneira mais crua, faz com que se perca o intangível nas imagens e elas pereçam pela exposição.

Sem possuir algo que pudesse abalar ou ferir o espectador, as imagens midiáticas se apresentam de forma que o observador possa apenas *curtir* e isso basta. Por isso, uma das contribuições desse trabalho está também no âmbito da criação, uma vez que a arte tem o poder de transformar, a negatividade presente nela que se opõe à positividade da sociedade transparente explanada por Chul Han, gera uma comoção, retira o espectador da inércia, o coloca em questão e tem o poder de mudar a vida.

Por fim, a contribuição final deste trabalho está na análise da necessidade de observadores, consumidores, espectadores mais conscientes. Que percebam quando houver uma domesticação de pensamentos, uma exclusão à alteridade. É fundamental que evitem um olhar tendencioso à positividade, para que a negatividade possa fluir. Pois, uma vez que temos prejuízo na contemplação, podemos esperar ter também à criatividade, à espontaneidade e imaginação diante do abalo na noção de arte.

Ainda há muito o que se pesquisar sobre as sociedades que Byung-Chul Han trata, considerando que o recorte da pesquisa se faz num meio repleto de volatilidade e de hipercomunicação, onde mudanças ocorrem a todo momento. Mas as pessoas continuarão sendo produtos da sociedade que estão inseridas, e suas atividades continuarão servindo como objeto de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adenilson. Universo da Filosofia, **O Panóptico de Foucault em Vigiar e Punir**. Dezembro de 2017. Disponível em < <https://universodafilosofia.com/2017/12/o-panoptico-de-foucault-em-vigiar-e-punir/> > Acesso em 3 de janeiro de 2023.

AQUINO, Fernando. **A história das redes sociais: como tudo começou**. Tecme; 26 de novembro de 2012. Disponível em < <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou.htm> > Acesso em 29 de dezembro de 2022.

BARROS, José D'assunção. **A elaboração textual de hipóteses**: uma contribuição ao seu esclarecimento no ensino de metodologia In: Revista Educação em Questão. 19. ed. Natal: 2008. 305 - 328 p. v. 33.

CAMBI, Eduardo. **Pandemia da Covid-19: reflexões sobre a sociedade e o planeta**. Curitiba: Equipe técnica da Escola Superior do MPPR, 2020. Disponível em < [https://escolasuperior.mppr.mp.br/arquivos/Image/publicacoes/PandemiadaCovid-19Reflexoes\\_sobreasociedadeeoplaneta.pdf](https://escolasuperior.mppr.mp.br/arquivos/Image/publicacoes/PandemiadaCovid-19Reflexoes_sobreasociedadeeoplaneta.pdf) > Acesso em 26 de novembro de 2022.

COFFIONI, Gabriella. **Nas redes sociais, uma imagem vale mais do que mil palavras?**; Consumidor Moderno; Disponível em < <https://www.consumidormoderno.com.br/2022/08/26/publicacoes-redes-sociais/> >

Foca Talk Podcast. **A Tiktokzação das profissões**. Univale GV. 2021. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=MIK0Ma9WOq0> > Acesso em 18 de novembro de 2022.

Espresso50. **Crise provocada pela covid-19 dificultou a entrada de jovens no mercado de trabalho**. Lusa, Agência de Notícias de Portugal. Junho de 2022. Disponível em < <https://expresso.pt/sociedade/coronavirus/2022-06-21-Crise-provocada-pela-covid-19-dificultou-a-entrada-de-jovens-no-mercado-de-trabalho-97dc99ca> > Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

GONTIJO, Lúcia Maria, **Isaiás Silva**, G1 de Minas Gerais, 27 de dezembro de 2020. Disponível em < <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/12/27/jovem-de-mg-faz-videos-de-humor-na-internet-e-acumula-5-milhoes-de-seguidores-quer-ser-artista.ghtml> > Acesso em: 22 de janeiro de 2023.

G1, Redação Vogue. **Viviane Araújo**. 07 de abril de 2021. Disponível em < <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2021/04/viviane-araujo-mostra-diferenca-ao-publicar-foto-com-e-sem-filtro-compare.html> > Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

HAN, Byung-Chul. **A Salvação do Belo**: Editora Vozes; 1ª edição, 24 junho 2019.

HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade**: Cultura e globalização. Editora Vozes; 1ª edição 20 dezembro 2019.

HAN, Byung-Chul. **No exame**: perspectivas do digital. Editora Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes; 1ª edição, 1 janeiro 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**: o modo contemporâneo de lidar com a dor. Editora Vozes, 2020.

KOONS, Jeff, **Ballon Dog**. Em aço inoxidável polido espelhado com revestimento de cor transparente. Registro de 14 de maio de 2013 Disponível em < <https://www.wikiart.org/pt/jeff-koons/ballon-dog> > Acesso em: 09 de janeiro de 2023.

KOONS, Jeff, **Balloon Venus**. Em aço inoxidável polido espelhado com revestimento de cor transparente. 2008-2012. Disponível em < <http://www.jeffkoons.com/artwork/antiquity/balloon-venus> > Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

MESQUITA, Sandro de Souza, **Psicologia humanista**. Psicologia Viva, 20 de Janeiro de 2020.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde, **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em < <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> > Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

PENTEADO, Goulart. **A ‘tiktokização’ das profissões e os limites da publicidade na advocacia**. Estado de São Paulo: 2021.

QUEIROZ, Natalia. **Bruna Pinheiro**, Caras. 15 de julho de 2022. Disponível em < <https://caras.uol.com.br/influenciadores/influencer-bruna-pinheiro-reflete-sobre-responsabilidades-dos-criadores-de-conteudo.phtml> > Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

ROCHA, Heron; **O Poder da Imagem na Comunicação**; Interligar; 08 de agosto de 2017. Disponível em: < <https://www.interligar.com.br/o-poder-da-imagem-na-comunicacao/> > Acesso em: 27 de janeiro de 2023.

SANTOS, Eliana. **Raphael Vicente**. G1, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/08/07/conheca-raphael-vicente-o-influencer-da-mare-que-atraiu-famosos-e-virou-garoto-propaganda-da-vacina.ghtml> > Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

Subsecretaria de Saúde. **Tempo de isolamento, Guia de vigilância epidemiológica**. 26 de janeiro de 2022. Disponível em < <https://www.saude.gov.br/files//conecta-sus/produtos-tecnicos/I%20-%202022/COVID-19%20-%20Tempo%20de%20isolamento.pdf> > Acesso em: 30 de dezembro de 2022.

TRINDADE, Rafael, **Foucault – Panóptico**, Razão Inadequada. Disponível em< <https://razoainadequada.com/2014/12/03/foucault-panoptico-ou-a-visibilidade-e-uma-armadilha/>> Acesso em: 04 de janeiro de 2023.

WeFashionTrends. **FilterDrop, a campanha que diz sim à naturalidade e NÃO aos filtros**. Março de 2021. Disponível em< <https://www.wefashiontrends.com/filterdrop-a-campanha-que-diz-sim-a-naturalidade-e-nao-aos-filtros/>> Acesso em: 13 de janeiro de 2023.